

10.º ANO
ENSINO SECUNDÁRIO
PORTUGUÊS

págin@s

10

MARIA JOÃO PEREIRA
FERNANDA BELA DELINDRO

CADERNO DE ATIVIDADES

Conteúdos de suporte à
realização das atividades



Fichas



Educação Literária

1.	Cantiga de amigo	4
2.	Cantiga de amor	6
3.	Cantiga de escárnio e de maldizer	8
4.	<i>Crónica de D. João I</i> , de Fernão Lopes	10
5.	<i>Farsa de Inês Pereira</i> , de Gil Vicente	13
6.	<i>Auto da Feira</i> , de Gil Vicente	15
7.	<i>Rimas</i> , de Luís de Camões	17
8.	<i>Os Lusíadas</i> , de Luís de Camões	20
9.	Temas interdisciplinares abordados nas obras literárias	22



Leitura

1.	Apreciação crítica	25
2.	Cartoon	27
3.	Exposição sobre um tema	28
4.	Relato de viagem	30



Escrita

1.	Apreciação crítica	33
2.	Exposição	34
3.	Exposição sobre um tema literário	35
4.	Síntese	37



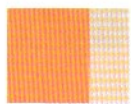
Oralidade

1.	Documentário (compreensão do oral)	39
2.	Reportagem (compreensão do oral)	41
3.	Apreciação crítica (expressão oral)	43
4.	Exposição (expressão oral)	44
5.	Síntese (expressão oral)	45



Gramática

1.	Origem, evolução e distribuição do português no mundo – I	47
2.	Origem, evolução e distribuição do português no mundo – II	49
3.	Processos fonológicos	51
4.	Funções sintáticas – I	53
5.	Funções sintáticas – II	54
6.	Funções sintáticas – III	55
7.	Divisão e classificação de orações	57
8.	Valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo	60
9.	Significado das palavras com base nos processos de formação	61
10.	Valores modais	62
11.	A anáfora como mecanismo de coesão e progressão do texto	63
12.	Situações de comunicação e atos de fala	65
13.	Reprodução do discurso no discurso	67



O meu projeto de leitura

1.	Objetivos pessoais como leitor	69
2.	Seleção de livros a ler	70
3.	Auto e heteroavaliação	84



Propostas de resolução

86



Educação Literária

FICHA 1 Cantiga de amigo

A **cantiga de amigo** é uma composição poética medieval (séculos XII-XIV), escrita por trovadores e acompanhada de música. O sujeito poético é sempre feminino.



VÊ COMO SE FAZ

Eno sagrad'en¹ Vigo
bailava corpo velido²:
amor ei!

En Vigo, no sagrado,
5 bailava corpo delgado
amor ei!

Bailava corpo velido,
que nunca ouvera amigo,
amor ei!

10 Bailava corpo delgado,³
que nunca ouvera amado:
amor ei!

Que nunca ouvera amigo,
ergas⁴ no sagrad', en Vigo:
15 amor ei!

Que nunca ouvera amado,
ergu' en Vigo no sagrado:
amor ei!

Caracterização
física da donzela:
formosa e bela.

Caracterização
psicológica da jovem:
apaixonada pela
primeira vez, dança
para seduzir o amado.

Martin Codax, (CV 889, CBN 1232),
in *A Lírica Galego-Portuguesa*, Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos,
Lisboa: Editorial Comunicação, Coleção Textos Literários, 1983, pp. 264-265.

¹ adro da ermida. ² formoso. ³ esbelto. ⁴ exceto, senão.

- 1 Após a leitura desta cantiga de amigo, **caracteriza** o sujeito poético física e psicologicamente, **fundamentando** a tua resposta com exemplos textuais.

Esta cantiga de amigo recria o ambiente rural e social das jovens medievais em idade de casar.

Os momentos de lazer das donzelas do povo estavam associados à peregrinação a locais sagrados e ao convívio proporcionado pelo baile. Nesta composição poética, o sujeito feminino é caracterizado fisicamente, salientando-se o seu "corpo velido" e "corpo delgado". Para além da beleza e formosura física, realça-se, ainda, o caráter inocente da donzela apaixonada pela primeira vez, que seduz o seu "amigo" através do baile: "Bailava corpo velido / que nunca ouvera amigo".

Em suma, esta cantiga de amigo constitui uma caracterização, na primeira pessoa, de uma donzela jovem e bela, disponível para amar.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

AGORA FAZ TU

Lê o seguinte poema e **responde** ao questionário de forma completa.

[Levou-s'la louçana], levou-s'a velida:	10 Vai lavar cabelos, na fria fontana:
vai lavar cabelos, na fontana ² fria.	passa seu amigo, que a muit'amava.
Leda ³ dos amores, dos amores leda.	Leda dos amores, dos amores leda.
[Levou-s'a velida], levou-s'a louçana:	Passa seu amigo, que lhi bem queria:
5 vai lavar cabelos, na fria fontana.	o cervo ⁴ do monte a augua volvia ⁵ .
Leda dos amores, dos amores leda.	15 Leda dos amores, dos amores leda.
Vai lavar cabelos, na fontana fria:	Passa seu amigo, que a muit'amava:
passou seu amigo, que lhi bem queria.	o cervo do monte volvia a augua.
Leda dos amores, dos amores leda.	Leda dos amores, dos amores leda.

Pêro Meogo (CBN 1188), in *A Lírica Galego-Portuguesa*, Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, Lisboa: Editorial Comunicação, Coleção Textos Literários, 1983, p. 268.

¹ levantou-se. ² fonte. ³ alegre. ⁴ veado. ⁵ agitava, remexia.

1 **Explicita** a estrutura narrativa desta cantiga.

2 Apesar da repetição, a cantiga apresenta uma certa progressão. Com base nas estrofes 1, 3 e 5, **explica** em que consiste essa progressão.

3 **Interpreta** a simbologia de "fontana" e de "lavar os cabelos".

4 **Esclarece** de que modo o verso "o cervo do monte volvia a augua" pode ser considerado o desfecho da pequena narrativa apresentada no poema.

FICHA 2 Cantiga de amor

RECORDA

A **cantiga de amor** é uma composição poética medieval (séculos XII-XIV), escrita por trovadores e acompanhada de música. O sujeito poético é sempre masculino.



© ARNAL EDITORES

VÊ COMO SE FAZ

Um tal home sei eu, ai bem talhada¹,
que por vós ten'a sa morte chegada²;
veedes quem é, seed'en nembrada³:
eu, mia dona.

5 Um tal home sei [eu] que preto⁴ sente
de si [a] morte [chegada] certamente;
veedes quem é, venha-vos em mente:
eu, mia dona.

Um tal home sei [eu], aquest'oíde⁵,
10 que por vós morre, vó'lo [en] partide⁶;
veedes quem é, nom xe⁷ vos obride⁸:
eu, mia dona.

Hiperbolização das
qualidades da amada

Sufrimento de amor
("coita de amor")

Relação hierárquica e
atitude de vassalagem
amorosa



Dom Dinis, in *Antologia da Poesia
Trovadoresca Galego-Portuguesa*,
Alexandre Pinheiro Torres, Porto:
Lello & Irmão Editores, 1977, p. 225.

¹ elegante. ² que por vós tem a morte próxima. ³ lembrai-vos disso. ⁴ perto. ⁵ isto ouvi. ⁶ evitai-lhe isso. ⁷ se. ⁸ esquecer, olvidar.

1 A partir da leitura do poema, **explicita** a relação que se estabelece entre o sujeito poético e a "dona".

No poema, fica evidente que a relação que se estabelece entre a dona e o sujeito poético é hierárquica.

Assim, o "eu" hiperboliza as qualidades da senhora: "ai bem talhada" e manifesta o seu sofrimento de amor.

De facto, a senhora surge como uma figura idealizada que provoca no "eu" a "coita de amor" e o desejo de morte.

Concluindo, apresenta-se uma mulher inacessível e superior, assumindo o sujeito o papel de vassalo perante a dama.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

AGORA FAZ TU

Lê a cantiga de amor e responde de forma completa ao questionário.

Que soidade de mia senhor ei,
quando me nembra d'ela qual a vi
e que me nembra que ben a oi¹
falar, e, por quanto ben d'ela sei,
5 rogu' eu a Deus, que end' á o poder,
que mha leixe, se lhe prouguer², veer

Cedo, ca, pero³ mi nunca fez ben,
se a non vir, non me posso guardar
d'enssandecer ou morrer con pesar,
10 e, por que ela tod' en poder ten,
rogu' eu a Deus, que end' á o poder,
que mha leixe, se lhe prouguer, veer

Cedo, ca tal a fez Nostro Senhor:
de quantas outras [e] no mundo son
15 non lhi fez par, a la minha fé⁴, non,
e, poi-la, fez das melhores melhor⁵,
rogu' eu a Deus, que end' á o poder,
que mha leixe, se lhe prouguer, veer

Cedo, ca tal a quis [o] Deus fazer
20 que, se a non vir, non posso viver.

Dom Dinis (CV 119, CBN 481),
in *A Lírica Galego-Portuguesa*, Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos,
Lisboa: Editorial Comunicação, Coleção Textos Literários, 1983, p. 284.

¹ ouvi. ² prouver. ³ embora. ⁴ por minha fé. ⁵ fê-la a melhor das melhores.

1 **Identifica** o sujeito poético da composição e os seus sentimentos.

2 **Seleciona** as expressões que evidenciam o sofrimento de amor.

3 **Explicita** as qualidades do destinatário feminino do poema.

4 **Atenta** no facto de a ideia do refrão continuar na estrofe seguinte. **Indica** o efeito estilístico desse processo poético.

FICHA 3 Cantiga de escárnio e de maldizer

As **cantigas de escárnio e de maldizer** são composições poéticas medievais (séculos XII-XIV), escritas por trovadores e acompanhadas de música. Apresentam uma vertente satírica de crítica social.



VÊ COMO SE FAZ



Roi Queimado morreu com amor
em seus cantares, par Santa Maria,
por ùa dona que gram bem queria;
e por se meter por mais trobador,
5 porque lh'ela nom quis[o] bem fazer,
feze-s'el em seus cantares morrer;
mais ressurgiu¹ depois ao tercer² dia.
(...)

E se mi Deus a mi desse poder
10 qual hoj'el há, pois³ morrer, de viver,
jamais [eu] morte nunca temeria.

Alvo da crítica

Aspeto criticado

Ironia

Pêro Garcia Buralês (CBN 1380), in *A Lírica Galego-Portuguesa*, Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, Lisboa: Editorial Comunicação, Coleção Textos Literários, 1983, p. 230.

¹ ressuscitou. ² terceiro. ³ depois

1 **Infer** as razões que levaram o sujeito poético a realizar esta crítica.

O sujeito poético critica o facto de Roi Queimado, para provar que é um trovador excecional, dizer que morre de amor por uma "senhor" e depois continua a viver, como se ressuscitasse ao terceiro dia.

Ironicamente, o "eu" lírico afirma que esse poder só o tem Roi Queimado, lamentado o sujeito poético não ter essa capacidade. Se a tivesse, nunca mais temeria a morte, como salienta na última estrofe.

Deste modo, com a sátira da hiperbolização característica da "coita de amor", faz-se uma crítica, em última instância, ao morrer de amor, tópico recorrente da cantiga de amor.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

AGORA FAZ TU

Lê a cantiga e **responde** de forma completa ao questionário.

Foi um día Lopo jogar¹
a cas² d'um infançom³ cantar
e mandou-lh'ele por dom⁴ dar
tres couces na garganta;
5 e fui-lh'escass' a meu cuidar⁵,
segundo com'el canta.

Escasso foi o infançom
en seus couces partir⁶ entom,
ca non deu a Lop[o], entom
10 mais de tres na garganta;
e mais merece o jogarom⁷,
segundo com'el canta.

Martin Soares (CBN 1366), in *A Lírica Galego-Portuguesa*, Elsa Gonçalves e Maria Ana Ramos, Lisboa: Editorial Comunicação, Coleção Textos Literários, 1983, p. 146.

¹ jogral. ² casa. ³ cavaleiro nobre. ⁴ como pagamento. ⁵ e foi forreta, na minha opinião. ⁶ repartir. ⁷ jogralão (aumentativo depreciativo de jogral).

1 **Explicita** a sátira presente nesta cantiga.

2 **Demonstra** como a sátira contra o jogral Lopo pode indiciar uma crítica ao infanção.

3 **Descreve** formalmente o poema, no que diz respeito às estrofes.

4 **Insere** a composição poética dentro da sátira medieval, **fundamentando** a tua resposta.

5 **Seleciona** um exemplo de jogo de palavras presente nesta cantiga.

FICHA 4 *Crónica de D. João I, de Fernão Lopes*

RECORDA

A *Crónica de D. João I, Primeira Parte* (1450?), foi escrita por Fernão Lopes, por solicitação do rei D. Duarte e eleva à categoria de herói o povo de Lisboa, que se une à volta do seu líder, o Mestre de Avis, para defesa da independência do País. A primeira parte desta crónica aborda o interregno entre a morte de D. Fernando e a subida ao trono de D. João I, enquanto a segunda parte relata o reinado de D. João I até 1411. A crónica medieval é um relato histórico.

Capítulo 11

- O povo defende o Mestre perante a ameaça de morte.
- O povo aclama o Mestre como seu herói às portas do palácio.

Capítulo 115

- A cidade de Lisboa prepara-se para o cerco do Rei de Castela.
- A população movimenta-se para a defesa da cidade e recolhe alimentos para a população.

Capítulo 148

- Descrição da situação da cidade de Lisboa após o cerco de Castela.
- A fome, a doença e a defesa da cidade.

VÊ COMO SE FAZ

*Per que guisa¹ estava a cidade corregida² pera se defender,
quando el-Rei de Castela pôs cerco sobr'ela*

E ordenou o Mestre com as gentes da cidade que fosse repartida a guarda dos muros pelos fidalgos e cidadãos honrados, aos quaes
5 derom certas quadrilhas e besteiros e homens d'armas pera ajuda de cada hũ guardar bem a sua.

Em cada quadrilha havia hũ sino pera repicar quando tal cousa vissem. E como cada hũ ouvia o sino da sua quadrilha, logo todos
rijamente corriam pera ela, porquanto às vezes, os que tinham car-
10 rego das torres vinham espaçar pela cidade, e leixavo'-nas encomen-
dadas a homens de que muito fiavom. Outras vezes nom ficavom em elas senom as atalaias, mas como davom à campã logo os muros eram cheos, e muita gente fora. E nom somente os que eram assina-
dos em cada logar pera defensom, mas ainda as outras gentes da ci-
15 dade, ouvindo repicar na Sé, e nas outras torres, avivavom-se os co-
rações deles. E os mesteiraes dando folgança a seus officios³, logo
todos com armas corriam rijamente pera hũ diziam que os castelãos
mostravom de vinr. Ali viriees os muros cheos de gentes, com mui-
tas trombetas e brados e apupos esgrimindo espadas e lanças e se-
20 melhantes armas, mostrando fouteza contra seus êmigos.

Fernão Lopes, *Crónica de Dom João I. Primeira Parte* (Edição Crítica de Teresa Amado), Lisboa: IN-CM, 2017, p. 209.

¹ maneira. ² preparada. ³ fazendo uma paragem no seu trabalho.

Colaboração
de todos

União
de todos

Entusiasmo
de todos

Participação
de todos

com um
objetivo
comum:
defender
a cidade

- 1 A partir do texto, **inference** o estado de espírito da população, **justificando** a tua posição.

A cidade de Lisboa preparou-se para um cerco prolongado causado pelo rei de Castela.

Introdução

Neste sentido, a população mostra-se solidária com o Mestre e participa de forma empenhada e entusiástica em todas as tarefas de defesa, como é visível a partir das seguintes afirmações: "E nom somente os que eram assinados em cada lugar pera defensom, mas ainda as outras gentes da cidade, ouvindo repicar na Sé, e nas outras torres, avivavam-se os corações deles".

Desenvolvimento

Em suma, o povo de Lisboa considera o Mestre o seu líder e colabora ativamente nos preparativos da defesa da cidade.

Conclusão

AGORA FAZ TU

Lê, atentamente, este excerto do capítulo 115 da *Crónica de D. João I* e **responde** às questões.

Per que guisa estava a cidade corregida pera se defender, quando el-Rei de Castela pôs cerco sobr'ela

Nem hũ falamento deve mais vizinho ser deste capitulo que havees ouvido que poermos logo aqui brevemente de que guisa estava a cidade, jazendo el-Rei de Castela sob'r'ela. E per que modo poínha em si guarda o Mestre, e as gentes que dentro eram, por nom receber dano de seus êmigos, e o esforço e fouteza que contra eles mostravom, enquanto assi esteve cercada.

Onde sabe que como o Mestre e os da cidade souberom a vinda del-Rei de Castela, e esperarom seu grande e poderoso cerco, logo foi ordenado de recolherem pera a cidade os mais mantimentos que haver podessem, assi de pam e carnes, come quaesquer outras cousas. E iam-se muitos aas liziras em barcas e batees, depois que Santarém esteve por Castela, e dali trariam muitos gados mortos que salgavam em tinas e outras cousas de que fizeram grande açalmamento. E colherom-se dentro à cidade muitos lavradores com as molheres e filhos e cousas que tinham, e doutras pessoas da comarca d'arredor, aqueles a que prougue de o fazer. E deles passaram o Tejo com seus gados e bestas, e o que levar poderom, e se forom contra Setuval, e pera Palmela. Outros ficarom na cidade e nom quiserom dali partir. E taes hi houve que poserom todo o seu¹, e ficarom nas vilas que por Castela tomarom voz. (...)

E ordenou o Mestre com as gentes da cidade que fosse repartida a guarda dos muros pelos fidalgos e cidadãos honrados, aos quaes derom certas quadrilhas e besteiros e homens d'armas pera ajuda de cada hũ guardar bem a sua.

Em cada quadrilha havia hũ sino pera repicar quando tal cousa vissem². E como cada hũ ouvia o sino da sua quadrilha, logo todos rijamente corriam pera ela, porquanto às vezes, os que tinham carrego das torres vinham espaçar pela cidade, e leixavo³-nas encomendadas a homens de que muito fiavom. Outras vezes nom ficavom em elas senom as atalaias, mas como davom à campã logo os muros eram cheos, e muita gente fora.

Fernão Lopes, *Crónica de Dom João I. Primeira Parte* (Edição Crítica de Teresa Amado), Lisboa: IN-CM, 2017, pp. 208-209.

¹ puseram na cidade tudo o que tinham. ² quando vissem que era caso para isso.

1 Indica o tema do texto, fundamentando.

2 Identifica duas medidas tomadas pelo Mestre antes do cerco da cidade.

3 Seleciona uma frase que demonstre que o Mestre temia uma duração prolongada do cerco da cidade pelos castelhanos.

4 Explicita como, neste excerto, os atores individuais e coletivos articulam os seus esforços para o bem comum.



A *Farsa de Inês Pereira* foi representada em Tomar, em 1523, e tem como tema um provérbio popular: "Mais quero asno que me leve que cavalo que me derrube". Esta é considerada a melhor farsa vicentina, pela estrutura que apresenta e pelo desenho das personagens.



VÊ COMO SE FAZ

Vem Pêro Marques e diz:

Homem que vai aonde eu vou
nam de deve de correr
ria embora quem quiser
5 que eu em meu siso estou.
Nam sei onde mora. Aqui
olhai que m'esquece a mi.
Eu creio que nesta rua
e esta parreira é sua
10 já conheço que é aqui.

Chega a casa de Inês Pereira.

Digo que esteis¹ muito embora.
Folguei ora de vir cá
eu vos escrevi de lá
15 ãa cartinha senhora
e assi que de maneira.

Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*,
Porto Editora, 2020.

Rusticidade
Pouca inteligência
Simplicidade
Ausência de malícia

Indecisão
Insegurança

Satisfação

Ingenuidade
Simplicidade
Modéstia

¹ estejais.

1 Caracteriza a personagem Pêro Marques a partir do seu monólogo.

A partir da leitura deste monólogo, verificamos a rusticidade da personagem Pero Marques.

Pêro Marques é um camponês ingénuo e assustado, que vai visitar pela primeira vez a donzela com quem quer casar. Demonstra, no monólogo, que está inseguro e indeciso, ao não se lembrar do caminho para casa de Inês: "Nam sei onde mora. Aqui / olhai que m'esquece a mi". Já na presença de Inês, o jovem morgado manifesta ingenuamente a sua satisfação por a encontrar e refere-se à "cartinha" que lhe escreveu, evidenciando modéstia e simplicidade.

Na realidade, neste excerto do início da peça, Pêro provoca o riso pelas suas atitudes rudes, próprias do mundo rural e afastadas do ideal cortês que Inês procurava.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

AGORA FAZ TU

Lê o seguinte texto.

ESC. Vós buscastes descrição
que culpa vos tenho eu?
Pode ser maior aviso
maior descrição e siso
5 que guardar eu meu tisouro?
Não sois vós molher meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?

10 Vós não haveis de mandar
em casa somente um pelo
sêu disser isto é novelo
havei-lo de confirmar.

15

E mais quando eu vier
de fora haveis de tremer
e cousa que vós digais
não vos há de valer mais
daquilo que eu quiser.

‘Moço às Partes d’Além
Vou-me fazer cavaleiro.

Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*,
Porto Editora, 2020.

- 1 A partir da leitura do excerto, **infere** o momento da ação da farsa, **identificando** o interlocutor do Escudeiro.

- 2 **Seleciona**, na fala do Escudeiro, marcas de um discurso contrastante com o ideal de marido que a jovem Inês acreditava ter encontrado.

- 3 **Explica** de que modo este momento da farsa constitui uma mudança no rumo dos acontecimentos.

- 4 **Identifica** o recurso expressivo na frase: “que guardar eu meu tisouro?” (l. 5) e **explica** a sua expressividade.

Este auto de moralidade foi composto no Natal de 1527. A crise de valores que afeta toda a cristandade e a própria Igreja é reinterpretada por Gil Vicente nesta peça. O *Auto da Feira* evidencia a decadência da sociedade quinhentista, retrata o início do desenvolvimento mercantil e a mudança de valores sociais. Na primeira parte do auto, surge uma crítica à crença generalizada na astrologia e a reprovação da imoralidade dos membros da Igreja; num segundo momento, reproduz-se um episódio da vida do povo.



VÊ COMO SE FAZ

DIABO	Falando com salvos rabos ¹ inda que me tens por vil acharás homens cem mil honrados que são diabos que eu nam tenho nem ceitil. E bem honrados te digo e homens de muita renda que tem dívedo ² comigo pois nam me tolhas a venda que nam hei nada contigo.	20	eu como cousa perdida nunca me tolhe ⁵ ninguém que nam ganhe minha vida como quem vida nam tem. (...)
TEMPO ao SERAFIM	Senhor em toda maneira Acodi a este ladrão ³ Que há de danar ⁴ a feira.		SERAFIM Muito bem sabemos nós que vendes tu cousas vis.
15 DIABO	Ladrão? Pois hajeu perdão Se vos meter em canseira. Olhai cá Anjo de bem	25	DIABO I há de homens ⁶ roins mais mil vezes que nam bôs como vós mui bem sentis.

Apego aos bens materiais

Denúncia da degradação de costumes

Dissolução de costumes

Gil Vicente, *Auto da Feira*, Porto Editora, 2014.

¹ zombaria de Diabo. ² relações de amizade ou parentesco. ³ castigai este malvado. ⁴ perverter. ⁵ impede. ⁶ homens, alguns homens.

1 Explicita a crítica concretizada no texto.

As obras de Gil Vicente apresentam sempre uma vertente crítica e o *Auto da Feira* não é exceção.

Este excerto desenvolve uma crítica à dissolução de costumes e ao apego aos bens materiais, em detrimento dos valores morais ("Muito bem sabemos nós / que vendes tu cousas vis."). A participação de personagens alegóricas, que opõem o bem ao mal, surge com uma finalidade didática de correção dos desvios sociais.

Em suma, o diálogo entre o Diabo e o Serafim confirma este auto como uma moralidade em que se critica a sociedade materialista, onde tudo se troca e tudo se compra.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

AGORA FAZ TU

Lê o excerto e **consulta** as notas apresentadas.

Depois de ida Roma entram dous lavradores, um per nome Amâncio Vaz e outro Denis Lourenço, e diz Amâncio Vaz:

5 DENIS Compadre vás tu à feira?
 À feira compadre.
 AMÂNCIO Assi
 Ora vamos eu e ti
 ò longo desta ribeira.
 DENIS Bofá¹ vamos.
 10 Folgo bem
 de te vir aqui achar.
 AMÂNCIO Vás tu lá buscar alguém
 ou esperas de comprar?
 AMÂNCIO Isso te quero contar
 15 e iremos patorneando²
 e er³ também aguardando
 polas moças do lugar.
 Compadre enha⁴ mulher
 é muito destemperada
 20 e agora se Deos quiser
 faço conta de a vender

25 e dá-la-ei por quasi nada.
 Qu'eu quando casei com ela
 diziam-me: hétega⁵ é.
 E eu cuidei pola abofé
 que mais cedo morresse ela
 e ela anda inda em pé.
 E porque era hétega assim
 foi o que m'a mim danou
 avonda⁶ qu'ela engordou
 e fez-me hétego a mim.
 30 DENIS Tens boa mulher de teu
 nam sei que tu hás amigo.
 AMÂNCIO S'ela casara contigo
 35 renegaras tu com'eu
 e dixeras o que eu digo.
 DENIS Pois compadre quant'à minha
 É tam mole e desatada
 que nunca dá peneirada
 que nam derrame a farinha.
 40

Gil Vicente, *Auto da Feira*, Porto Editora, 2014.

¹ enfim. ² tagarelando. ³ além disso, também. ⁴ minha. ⁵ tísica. ⁶ em suma.

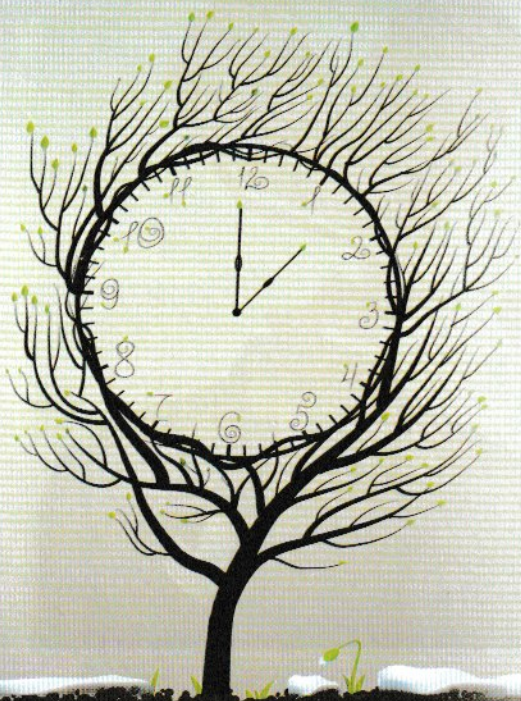
- 1** **Explicita** de que modo o diálogo nesta feira pode evidenciar uma mudança estrutural na sociedade da época.

- 2** **Indica** uma temática de valor intemporal que podemos **inferir** a partir do diálogo insatisfeito, quer dos homens, quer das respetivas mulheres.

Luís de Camões, em *Rimas*, cultivou uma poesia designada como tradicional, em redondilha maior e menor (medida velha), compondo vilancetes, cantigas, trovas e esparsas. O poeta escreveu, igualmente, sonetos (medida nova), atingindo uma mestria difícil de igualar.



VÊ COMO SE FAZ



Que me quereis, perpétuas saudades?
Com que esperança ainda me enganais?
Que o tempo que se vai não torna mais
e, se torna, não tornam as idades.

Razão é já, ó anos, que vos vades,
porque estes tão ligeiros que passais,
nem todos para um gosto são iguais,
nem sempre são conformes as vontades.

Aquilo a que já quis é tão mudado
Que, quase é outra cousa; porque os dias
têm o primeiro gosto já danado.

Esperanças de novas alegrias
não mas deixa a Fortuna e o Tempo errado,
que do contentamento são espias.

Interrogações
retóricas

Antítese

Apóstrofe

Anáfora

Personificação

Luís de Camões, *Lírica Completa - II*,
Lisboa: IN-CM, 1994, p. 220.

- 1** **Refere**, exemplificando, dois recursos expressivos que transmitam a expressividade da dor do sujeito poético.

Ao longo do soneto, o "eu" lírico expressa a sua mágoa pela rápida passagem do tempo e pelo seu crescente sofrimento, à medida que se torna mais velho.

A antítese entre o que o sujeito deseja e a realidade é evidente nos versos "nem todos para um gosto são iguais, / nem sempre são conformes as vontades". No primeiro verso da segunda quadra, o "eu", através da apóstrofe, apela aos anos que não passem tão rapidamente: "Razão é já, ó anos!, que vos vades, / porque estes tão ligeiros que passais".

Em suma, neste soneto, os recursos expressivos intensificam a dor do sujeito poético ao refletir sobre a sua vida pessoal.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

© ÁREA EDITORES

AGORA FAZ TU

Lê o seguinte texto.

Enquanto quis Fortuna que tivesse
esperança de algum contentamento,
o gosto de um suave pensamento
me fez que seus efeitos escrevesse.

- 5 Porém, temendo Amor que aviso desse
minha escritura a algum juízo isento,
escureceu-me o engenho co tormento,
pera que seus enganos não dissesse.

- 10 Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos
a diversas vontades! Quando lerdos
num breve livro casos tão diversos,

verdades puras são e não defeitos...
E sabeí que, segundo o amor tiverdes,
tereis o entendimento de meus versos.

Luis de Camões, *Lírica Completa* – II,
Lisboa: IN-CM, 1994, p. 25.



- 1 **Identifica** no poema marcas da presença do sujeito poético e da sua evolução psicológica, **justificando** com elementos do texto.

- 2 **Caracteriza** a relação que se estabelece no poema entre o sujeito poético e a Fortuna e o Amor. **Seleciona** expressões comprovativas.

- 3 **Atenta** nos vocábulos maiusculizados e **explicita** o seu efeito estilístico.

- 4 **Explicita** o caráter apelativo do poema, **fundamentando** com expressões comprovativas.

FICHA 8 *Os Lusíadas*, de Luís de Camões

RECORDA

Os Lusíadas (1556?) é um poema narrativo que conta feitos extraordinários realizados por terra e por mar e mitifica o povo português, elevando-o à categoria de herói pelo esforço e pelos atos realizados. No final de alguns Cantos, o Poeta reflete crítica e didaticamente sobre temas intemporais.

Fragilidade da vida humana

Valor da arte

Lamento pela ingratidão dos portugueses

Poder corruptor do dinheiro

Glorificação dos heróis

Exortação à excelência

VÊ COMO SE FAZ

81

E ainda, Ninfas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aqueles que eu cantando andava
Tal prêmio de meus versos me tornassem¹:
A troco dos descansos que esperava,
Das capelas² de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

82

Vede, Ninfas, que engenhos de senhores³
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar, com tais favores,
A quem os faz, cantando, gloriosos!
Que exemplos a futuros escritores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memória
Que merecerem ter eterna glória!

83

Pois logo, em tantos males, é forçado
Que só vosso favor me não faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça:
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado
Que não o empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

¹ dessem.² coroas destinadas a glorificar os poetas.³ grandes senhores de Portugal.Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto VII, Porto Editora, 2019.

- 1** **Explicita** os sentimentos expressos pelo sujeito nesta passagem e **justifica**, recorrendo a elementos do texto.

O excerto apresentado constitui uma das reflexões do Poeta. Trata-se de um dos momentos em que reflete sobre a sociedade do seu tempo.

Nesta passagem, o sujeito exprime o seu desencanto pela falta de reconhecimento do seu trabalho por parte dos seus conterrâneos: "Vede, Ninfas, que engenhos de senhores / O vosso Tejo cria valerosos, / Que assi sabem prezar, com tais favores, / A quem os faz, cantando, gloriosos!". Lamenta a ingratidão dos portugueses face à sua vida de dedicação à Pátria.

Em suma, o Poeta dirige-se às Ninfas, decepcionado, lamentado-se pela situação de penúria em que se encontra.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

AGORA FAZ TU

Lê o excerto e **consulta** as notas apresentadas.

96

Nas naus estar se deixa, vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cobiçoso
Regedor, corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juízo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pode o vil interesse e sede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

97

A Polidoro¹ mata o Rei Treício,
Só por ficar senhor do grão tesouro;
Entra, pelo fortíssimo edifício,
Com a filha² de Acriso³ a chuva d'ouro;
Pode tanto em Tarpeia⁴ avaro vício
Que, a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada em pago morre.

98

Este⁵ rende munidas⁶ fortalezas;
Faz tréduros⁷ e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências,
Os juízos cegando e as consciências.

99

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
Este causa os perjúrios entre a gente
E mil vezes tiranos torna os Reis
Até os que só a Deus omnipotente
Se dedicam⁸, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador, e ilude;
Mas não sem cor⁹, contudo, de virtude.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto VIII, Porto Editora, 2019.

¹ Filho de Príamo, rei de Troia. Para salvá-lo, quando a cidade estava prestes a cair em poder dos gregos, o soberano mandou-o com ouro ao rei da Trácia que, todavia, se apoderou do metal e matou o jovem. ² Dánae. ³ Soberano de Agros (na Grécia) que, para anular a profecia de um oráculo – a sua morte por um neto – prendeu a filha Dánae numa torre. Júpiter, porém, sob a forma de chuva de ouro, introduziu-se na torre e tornou-a mãe de Perseu, que veio a assassinar a Acrísio. ⁴ Rapariga romana que, na esperança de obter anéis de ouro, dos sabinos, que sitiavam Roma, lhes abriu as portas da cidade. Os inimigos, porém, não a pouparam, esmagando-a sob as joias e os escudos. ⁵ ouro. ⁶ bem fortificadas. ⁷ traidores. ⁸ perifrasede para designar os sacerdotes. ⁹ aspeto exterior.

- 1** Identifica o tema deste momento de crítica, fundamentando a resposta com elementos textuais.

- 2** Explicita a abrangência da crítica do Poeta.

FICHA 9 Temas interdisciplinares abordados nas obras literárias
DO SÉCULO XII AO SÉCULO XVI
RECORDA

TEMAS	Amor	Representações da amada	Afirmação da consciência coletiva e sentimento nacional
Poesia trovadoresca	Cantiga de amigo	A donzela pura e inocente que canta, que seduz, que sofre.	
	Cantiga de amor	A dama, hierarquicamente superior, possuidora de características ideais.	
	Cantiga de escárnio e de maldizer		
Crônica de D. João I, Fernão Lopes			- O povo unido luta por um ideal comum: a liberdade. - O povo elege o seu líder. - O povo é um herói coletivo.
Auto da Feira, Gil Vicente			
Farsa de Inês Pereira, Gil Vicente	- O amor idealizado. - O casamento por amor / o casamento negociado. - As relações adúlteras. - O amor entre mãe e filha.		
Rimas, Luís de Camões	- O amor platónico (Laura). - O amor sensual (Vénus). - O amor não correspondido. - O amor ao amor / reflexão sobre o amor.	- A mulher ideal (Laura). - A mulher sensual (Vénus). - O ideal renascentista: o cabelo louro, a tez pálida, a sobrevalorização das qualidades morais. - A subversão do ideal renascentista.	
Os Lusíadas, Luís de Camões			O povo português, pela sua coragem e determinação, é elevado à categoria de herói e recebido na Ilha de Vénus.

© AREAL EDITORES

Crítica de costumes / Mudança social	Representações do cotidiano	Viagem	Sátira e cômico
	• O universo rural.		
	• O universo cortês.		
• Sátira social, política e religiosa.			• Crítica ao amor cortês (morte de amor e sobrevalorização da amada). • Crítica à decadência da nobreza. • Crítica aos jograis.
• Crise religiosa. • Sociedade materialista. • Crise de valores. • Valores morais <i>versus</i> valores materiais. • Crise do casamento.	• O cotidiano rural. • O poder Papal. • O mercantilismo. • A emergência de uma sociedade em que tudo se compra e tudo se vende.		• Cômico de situação. • Cômico de linguagem. • Cômico de caráter.
• Conflito de gerações (relação mãe/filha). • Sociedade rural <i>versus</i> sociedade mercantil. • Declínio da baixa nobreza. • Crise de valores. • Casamento como negócio.	• O cotidiano burguês. • O cotidiano rural. • A decadência dos velhos princípios e a emergência de uma nova sociedade.		• Cômico de situação. • Cômico de linguagem. • Cômico de caráter.
• Tema da mudança. • Tema do desconcerto do mundo: o mundo "às avessas". • Reflexão existencial: injustiça, ingratidão, desprezo pelos verdadeiros valores.			
• Canto de glória <i>versus</i> canto de decadência. • Dedicatória e exortação final a D. Sebastião. • Reflexões do Poeta: canto de crítica.		• O relato eufórico da viagem à Índia. • Reflexões do Poeta: análise disfórica da viagem e crítica à sociedade portuguesa.	

1 Reflete sobre as temáticas apresentadas, que te ajudarão na análise comparativa das obras literárias estudadas no 10.º ano e que constituem uma base de trabalho para a escrita de exposições sobre um tema literário. (cf. p. 35)



Leitura

Vais ler e interpretar duas apreciações críticas, publicadas na imprensa, que analisam livros, filmes, séries, peças de teatro, exposições,... Todos estes textos apresentam o objeto em análise e tecem um comentário crítico enumerando qualidades e/ou defeitos desse objeto.

LÊ E ANALISA

Europa medieval

A narrativa histórica sobre a Idade Média tem-se afastado, cada vez mais, da visão que a aproximava de um período monolítico, sem alterações, e de um tempo negro, sem novidade.

Ao lançar um novo olhar sobre esta época, Chris Wickham sublinha precisamente o oposto. É uma interpretação que pretende encontrar linhas de força e de rutura, mais do que expor a evolução, passo a passo, destes mil anos de história, como qualquer manual o faz. (...)

Em 12 capítulos, Chris Wickham percorre o fim do império romano, as transformações no leste europeu, a união carolíngia e as muitas reconfigurações que foram sendo operadas ao longo dos séculos seguintes.

Jornal de Letras, 18 a 31 de dezembro de 2019, p. 31.

Notas facilitadoras de leitura

Título da obra em análise.

Abordagens tradicionais da Idade Média.

Originalidade da obra e referência ao autor.

Descrição pormenorizada da obra.

- 1 A apreciação crítica que acabaste de ler aborda
- (A) um romance histórico.
 - (B) uma obra literária recentemente publicada.
 - (C) uma obra de Chris Wickham que prima pela originalidade da abordagem.
 - (D) uma obra intitulada Europa Medieval que aborda este período de uma forma tradicional.

COMPREENDE E INTERPRETA

Lê a apreciação crítica apresentada e **responde** ao questionário.

Vilões portugueses

Dos fracos não reza a História, diz-se muitas vezes. Mas pode dizer-se o mesmo dos vilões? É certamente mais difícil. Ao fim e ao cabo, eles desempenham, muitas vezes, um papel decisivo na trajetória de um país, para o bem e para o mal.

Foi a partir desta ideia que Filipe Luís, diretor executivo da revista *Visão*, construiu esta história alternativa de Portugal, contada por quem teve obscuras intenções, agendas escondidas e maus propósitos. “Um jogo com o leitor”, garante o autor, que pede que se imagine uma figura, com má imagem, que viveu e morreu há muitos anos, ou há muitos séculos, a ganhar vida, depois de nos ter observado, de um limbo do Além, e a vir repor a sua verdade dos factos. (...)

O resultado não deixa de ser, também, um olhar global sobre alguns dos momentos mais impressionantes da nossa História, sem menosprezar uma espreitadela à própria História Universal, que a acompanha. O livro é surpreendente e irónico, estimulante e divertido, desde logo

pela escolha das personagens, a que se junta a vivacidade da prosa. D. Teresa de Leão, D. Afonso IV, D. Leonor Teles, Filipe I de Portugal, Miguel de Vasconcelos, Pina Manique, D. Carlota Joaquina, Diogo Alves, Manuel Buiça, Abel Olímpio, Alves dos Reis e Casimiro Monteiro, todos dizem da sua justiça.

E justiça lhes seja feita: afinal tinham muito que contar.

Jornal de Letras, 18 a 31 de dezembro de 2019, p. 31 (adaptado).

1 A apreciação crítica avalia

- (A) uma obra acerca dos reis portugueses e da sua relação com a História.
- (B) a obra *A História de Portugal* contada pelos vilões, de Filipe Luís.
- (C) uma obra sobre personalidades distintas da História de Portugal.
- (D) a obra *A História de Portugal* contada pelos vilões, de Luís Filipe.

2 O texto salienta positivamente

- (A) a vertente satírica e subversiva da obra.
- (B) o trajeto do autor.
- (C) o grupo de personagens retratado e respetivos diálogos.
- (D) as histórias que o livro sugere sem contar.

3 Na perspetiva do autor do livro em análise,

- (A) só os verdadeiros heróis são os autores da História.
- (B) a vivacidade da escrita é fundamental.
- (C) o cómico e a ironia são fundamentais em qualquer obra.
- (D) a perspetiva dos vilões completa muitos episódios da História.

4 A apreciação crítica apresenta a seguinte estrutura:

- (A) referência ao título do livro, tema, autor, descrição, comentários.
- (B) autor, descrição, comentários, explicação do título, comentários.
- (C) descrição da obra, comentários, autor, título, comentários.
- (D) tema, autor, descrição, comentários, título da obra, personagens.

5 **Reescreve** as afirmações, tendo em conta o contexto, mas recorrendo a um vocabulário mais formal.

5.1. "Dos fracos não reza a História, diz-se muitas vezes." (l. 1)

5.2. "Mas pode dizer-se o mesmo dos vilões?" (l. 1)

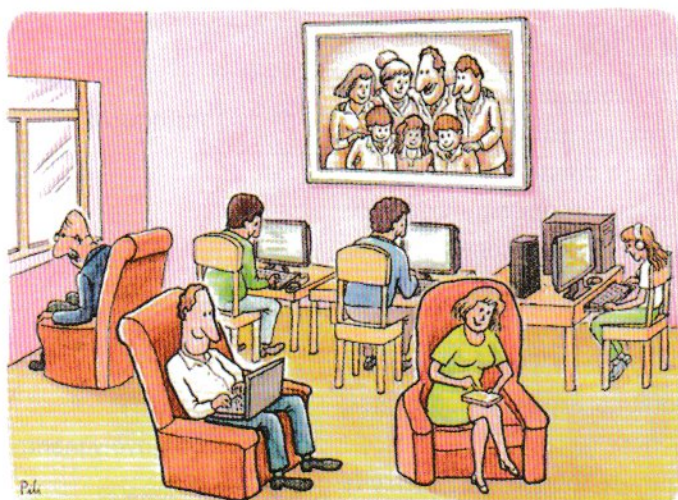
5.3. "Ao fim e ao cabo, eles desempenham, muitas vezes, um papel decisivo na trajetória de um país, para o bem e para o mal." (ll. 2-3)

5.4. "todos dizem da sua justiça." (l. 15)

5.5. "E justiça lhes seja feita: afinal tinham muito que contar." (l. 16)

O **cartoon** é um género textual que se caracteriza pela apresentação de uma imagem de carácter humorístico ou satírico, geralmente publicada em jornais ou revistas. Aborda temas da atualidade e mobiliza informação seletiva, de modo a apresentar uma perspetiva pessoal sobre um tema polémico.

LÊ E ANALISA



Rocio Munoz, Peru,
<http://www.cartoonvirtualmuseum.org/>
 (consultado em 17/08/2019).

Descrição da imagem:

- sala de estar de uma família;
- família está no mesmo local, mas não convive;
- todos os elementos da família estão concentrados nos respetivos dispositivos tecnológicos, à exceção do elemento mais velho, que está colocado de costas para todos e virado para a janela.

Dimensão ética e social (informação implícita):

- contraste entre a fotografia na parede e a interação familiar.

Intenção comunicativa:

- criticar a falta de interação social dentro da família;
- denunciar as consequências sociais e familiares da falta de convívio presencial;
- prevenir a dependência das tecnologias;
- ...

COMPREENDE E INTERPRETA

Observa a imagem.



Aurélio Mesquita, *E esta, hem!!!...*
<http://www.cartoonvirtualmuseum.org/>
 (consultado em 21/12/2019).

Análise

Descrição da imagem:

Dimensão ética e social:

Intenção comunicativa:

FICHA 3 Exposição sobre um tema

RECORDA

Vais ler e interpretar duas exposições publicadas em diferentes suportes, versando temas diferentes. Estes textos explicam, demonstram e fundamentam as ideias, apoiando-se em exemplos ilustrativos e devidamente selecionados.

© AREAL EDITORES

LÊ E ANALISA

Géneros literários

Desde a mais remota Antiguidade os teorizadores literários têm vindo a “arrumar” os textos literários em três géneros principais: o narrativo (épico, entre os gregos), o lírico e o dramático.

Em cada um destes três géneros principais, encontram vários subgéneros, como, no épico-narrativo, o poema épico, o conto, a novela, o romance; no lírico, a ode, a canção, o soneto e outros; no género dramático, a tragédia, a comédia, o drama e outros.

De um modo geral, considera-se lírico o texto literário em que o polo da enunciação é o “eu” e se visa, portanto, exprimir sentimentos, ideias, emoções.

Quanto ao texto narrativo, esse, centra-se sobre o “ele”, a terceira pessoa, e sobre o passado; o autor cria um narrador que “conta” uma história passada, na qual intervêm personagens, normalmente em conflito – tudo isto se processando num determinado tempo e espaço (geralmente mais curtos no conto, maiores na novela e no romance ou no poema épico).

O texto dramático apresenta características fortemente distintivas em relação ao lírico e ao narrativo, pelo facto de ser um texto que se destina, não a ser lido, mas a ser representado.

A mais moderna crítica e teoria literária rompeu um pouco com a noção de género, que implicaria uma delimitação demasiado estanque das obras literárias.

Amélia Pinto Pais, *História da Literatura em Portugal, Uma Perspetiva Didáctica* Vol. I, Porto: Areal Editores, 2004, pp. 12-15 (adaptado).

Introdução

Desenvolvimento

- Explicação
- +
- Exemplificação

Conclusão

COMPREENDE E INTERPRETA

Lê a exposição apresentada e **responde** ao questionário.

Petrarquismo

O petrarquismo é um fenómeno de modelização que se processa a partir da obra de Francesco Petrarca (1304-1374) e que se alargou às literaturas de toda a Europa e para além delas, tendo também repercussões nas artes plásticas, na música, no pensamento, na filologia, no plano antropológico, na produção editorial e em tantos outros campos.



No que diz respeito à literatura, dominou o lirismo ao longo dos períodos que vão do Renascimento até ao Neoclassicismo, com ecos que se estendem até aos nossos dias. (...)

- No contexto europeu, o petrarquismo português distingue-se pelo dinamismo dos fenómenos de contaminação que o caracterizam. O apreço merecido pela tradição peninsular ibérica, juntamente com o interesse suscitado pelos autores da Antiguidade ou pelos padres da Igreja fazem do código petrarquista um modelo recriado através de complexos processos de interseção. (...) Os poetas mais representativos foram Diogo Bernardes e Luís de Camões. (...)

- No historial do petrarquismo português, também as navegações desempenham o seu papel. Por sua vez, Camões, nas suas cartas, recorre com afã a Petrarca e aos petrarquistas, quando conta as suas andanças orientais. Paralelamente, o louvor da mulher morena, ou até preta, é tema das redondilhas de Pero de Andrade Caminha, Bernardes e Camões. Será em virtude da liberdade compositiva com que são trabalhados e fundidos componentes literários de origem tão diversa, que se pode compreender que os primeiros sinais da interrogação do modelo petrarquista provenham do domínio da poesia peninsular. É assim que Camões, nas trovas dedicadas *A ùa cativa com quem andava d'amores na Índia, chamada Bárbara*, postula a superioridade da beleza da mulher negra, em relação a Laura.

Rita Marnoto, *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Caminho, 2011, pp. 670-679.

- 1 No primeiro parágrafo do texto apresenta-se
 (A) uma descrição. (C) um exemplo.
 (B) uma definição. (D) um comentário.

- 2 No contexto em que surge, a palavra sublinhada na expressão "fenómeno de modelização" (l. 1)
 (A) tem por base a palavra esquema. (C) tem por base a palavra modalidade.
 (B) tem por base a palavra modelo. (D) tem por base a palavra molde.

- 3 A palavra "filologia" (l. 4) significa
 (A) eloquência. (C) estudo crítico de textos escritos.
 (B) amor pela lógica. (D) ciência que estuda o funcionamento da língua.

- 4 No segundo parágrafo do texto, está presente
 (A) uma metáfora. (C) uma personificação.
 (B) uma alegoria. (D) uma enumeração.

- 5 No contexto em que surge, a palavra "contaminação" (l. 9) significa
 (A) poluição. (C) corrupção.
 (B) invasão. (D) contágio.

- 6 A palavra "postula" (l. 22), no contexto em que surge, significa
 (A) contesta. (C) critica.
 (B) defende. (D) suplica.

FICHA 4 Relato de viagem

RECORDA

Vais ler e interpretar dois relatos de viagem. Estes textos abordam uma grande variedade de temas, com predomínio de um discurso pessoal e sequências narrativas e descritivas.

© ARCA EDIÇÕES

LÊ E ANALISA

África acima

Como era de esperar, as minhas previsões africanas falharam... infalivelmente. De pouco serviram os quinze anos de experiência prática a viajar pelo resto do mundo. De pouco serviu a América Central, o Afeganistão, o planalto andino, as ilhas mais recônditas da Indonésia, a África não se prevê, vive-se. Vai-se lá.

Quando iniciei esta viagem, sabia qual era o meu ponto de partida e qual o de chegada, respetivamente África do Sul e Portugal. Ou, se quisermos momentos geográficos mais carismáticos e definidores: o Cabo de Boa Esperança, do lado das partidas; e, do lado das chegadas, o Estreito de Gibraltar, a margem norte, mais concretamente.

As minhas previsões, as tais que depois não se concretizaram, eram sombrias. A nível de saúde, principalmente, arrancava com uma visão apocalíptica do continente. Tive, de facto, uma diarreia ao longo do percurso. Uma. No Níger. De resto, correu tudo lindamente.

Gonçalo Cadilhe, *África acima*, Lisboa: Oficina do Livro, 2007, p. 11.

Discurso pessoal

Sequência narrativa

Discurso pessoal
Sequência descritiva

COMPREENDE E INTERPRETA

Lê o texto apresentado e responde ao questionário.

NOVEMBRO: Mauritânia, Marrocos

Falsa partida. O Lisboa-Dacar ao contrário, a minha edição pessoal do grande épico do deserto, não começa nada bem. O camião de peixe afinal já não arranca hoje. Apareço no mercado de Pikiné às seis da manhã, tal como tínhamos combinado. Pontual como um despertador. O motorista dorme ainda, dentro da carlinga. Bato no vidro, acordo-o.

5 Sem se levantar, sem sequer abrir os olhos, faz-me um zero com os dedos: "Zero peixe." Não há carga. Depois, ainda, faz-me uma roda com o pulso: "Volta amanhã." Mando-o eu dar uma volta. Sei lá se ele amanhã já tem carga, se sempre arranca para Nouakchott, a capital da Mauritânia; ou se fica mais um dia à espera.

10 Dirijo-me ao terminal rodoviário de Pompier. A alternativa agora é apanhar uma dessas antigas carrinhas Peugeot de nove lugares, até à cidade de St. Louis; uma outra até à fronteira de Rosso. Depois, uma piroga ou equivalente para atravessar o rio Senegal, e do lado da Mauritânia outro meio de transporte qualquer até Nouakchott.

Não é necessária uma instrução profunda para compreender que os dois países não gostam muito um do outro. Nem uma ponte, muito menos um edifício conjunto para

- 15 tratar das formalidades de migração. No lado senegalês, mandam-me entrar para um gabinete apertado, escuro e malcheiroso. Quando a vista se habitua à penumbra, compreendo de onde vem o cheiro pesado. Da cela. Estou numa prisão. Quatro indivíduos apertam-se atrás das grades, num cubículo não muito maior que uma mesa de cozinha.

Gonçalo Cadilhe, *África acima*, Lisboa: Oficina do Livro, 2007, pp. 183-184.

- 1 A intencionalidade do autor deste texto é
(A) persuadir. (B) descrever. (C) informar. (D) exprimir emoções.
- 2 O discurso pessoal manifesta-se no texto através do recurso
(A) à primeira pessoa e a juízos de valor.
(B) ao relato objetivo da realidade observada.
(C) à descrição das paisagens observadas.
(D) à referência aos locais percorridos.
- 3 O texto está redigido
(A) no pretérito perfeito do indicativo, pois relata factos passados.
(B) no pretérito imperfeito do indicativo para indicar factos futuros, mas próximos.
(C) no presente do indicativo para dar vivacidade a factos passados.
(D) no presente do indicativo com valor habitual.
- 4 Podemos considerar que o texto desenvolve o seguinte tema:
(A) Viajar sem companhia é difícil.
(B) As vicissitudes de uma viagem em África.
(C) Planear uma viagem é fundamental.
(D) O rali Lisboa-Dacar.
- 5 No contexto em que surge, a expressão “a minha edição pessoal do grande épico do deserto” (ll. 1-2) faz uma referência
(A) ao rali Lisboa-Dacar, em África. (B) a *Os Lusíadas*.
(C) ao rali Lisboa-Dacar, na América do Sul. (D) a uma epopeia marroquina.
- 6 A expressão “Falsa partida.” (l. 1) é utilizada
(A) em sentido conotativo. (B) em sentido denotativo.
(C) em sentido objetivo. (D) em sentido real.
- 7 Na frase “Não é necessária uma instrução profunda para compreender que os dois países não gostam muito um do outro” (ll. 13-14) está presente
(A) uma metáfora.
(B) uma alegoria.
(C) uma personificação.
(D) uma metonímia.
- 8 No primeiro período do último parágrafo, o autor
(A) apresenta uma inferência a partir da realidade observada.
(B) apresenta um exemplo para confirmar um ponto de vista.
(C) formula uma expectativa gorada.
(D) formula um desejo.



Escrita

A apreciação crítica baseia-se numa descrição sucinta de um objeto (livro, filme, reportagem, documentário,...), acompanhada de comentário crítico.

VÊ COMO SE FAZ

Introdução

- Apresentação do objeto em análise

Desenvolvimento

- Descrição sucinta do objeto
- Comentários críticos:
 - aspetos positivos
 - aspetos negativos

Conclusão

- Apreciação global do objeto

AGORA FAZ TU

- 1 Planifica** uma apreciação crítica sobre o livro da tua vida, com base nestas três partes.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

- 2 Redige** uma apreciação crítica (200 a 250 palavras) a partir da planificação que realizaste.

FICHA 2 **Exposição**

RECORDA

A **exposição** é um texto de carácter demonstrativo. Pretende, através da fundamentação das ideias, elucidar sobre um tema de uma forma concisa e objetiva.

© AREAL EDITORES

VÊ COMO SE FAZ**Introdução**

- Apresentação do tema

Desenvolvimento

- Exposição clara do tema e das suas implicações

- isto é
- quer dizer
- em particular
- nomeadamente
- a saber
- em particular

Conclusão

- Retoma do tema
- Concluindo

AGORA FAZ TU

- 1** Planifica uma exposição sobre a origem e a evolução da língua portuguesa.

Introdução

Desenvolvimento

Conclusão

- 2** Redige uma exposição (200 a 250 palavras) com base na tua planificação.

- **Apresentação do tema/obra(s)**

- **Explicação clara e concisa apoiada em exemplos significativos**

- Retoma do tema

Lê o texto apresentado e **responde** ao questionário.

Em suma, as cantigas de amigo são um dos géneros mais emblemáticos e originais da lírica trovadoresca do norte da Península Ibérica.

This image shows a full page of blank primary-ruled paper. It features horizontal blue lines spaced evenly down the page. Vertical red lines are positioned on either side of the page, creating margins. The paper is otherwise completely blank, with no handwriting or other markings.

- 1** **Infer**e qual terá sido a instrução que originou a exposição apresentada.

- 2** **Verifica** se o texto apresentado cumpre a estrutura de uma exposição. **Faz as tuas anotações** ao lado do texto.

- 3** Numa exposição (**130-170** palavras), **explicita** as principais diferenças entre a cantiga de amigo e a cantiga de amor, **fazendo referência** a textos exemplificativos. A tua exposição deve incluir:

- uma **introdução** ao tema;
- um **desenvolvimento** no qual explicites as principais diferenças entre a cantiga de amigo e a cantiga de amor, fundamentando as características apresentadas em, pelo menos, dois exemplos significativos;
- uma **conclusão** adequada ao desenvolvimento do tema.

Estrutura do texto	Planificação
Introdução ao tema	✓ Poesia trovadoresca: – lirismo amoroso – música
Desenvolvimento • as principais diferenças entre cantiga de amigo e de amor, com exemplos	✓ Géneros da poesia trovadoresca: – Cantiga de amigo • sujeito feminino + donzela exprime os seus sentimentos pelo amigo (por exemplo) • cenário rural • simplicidade na forma – Cantiga de amor • sujeito masculino + homem sobrevaloriza a amada (por exemplo) • ambiente cortês • complexidade na forma
Conclusão adequada ao desenvolvimento do tema	✓ Riqueza temática da poesia trovadoresca

A **síntese** é a redução de um texto ao essencial por seleção crítica das ideias-chave (cerca de 1/5 do texto-base). Distingue-se do resumo pela extensão e pela liberdade de organização.

VÊ COMO SE FAZ

Texto-base

Anualmente produzem-se no mundo mais de 15 milhões de toneladas de resíduos de citrinos cujo destino é, em geral, a deposição em aterros e a destruição por queima, processos com consequências graves para o Ambiente. A Ciência procura dar resposta a este problema e já se conhece que a partir das cascas de laranja é possível obter produtos de elevado valor para a indústria química, alimentar e farmacêutica. É o caso do limoneno, usado como fragrância em produtos de limpeza e higiene pessoal, da pectina, com aplicações em cosméticos, fármacos e em produtos alimentares, como compotas e geleias, e da celulose, usada como espessante e biocombustível. O futuro poderá trazer novas aplicações, como no tratamento de águas residuais e na prevenção de doenças crónicas. (124 palavras)

<http://www.cienciaviva.pt/saberastu/> (consultado em 11/04/2020).

Síntese

O autor do texto refere que a Ciência procura uma solução mais ecológica para os resíduos de citrinos, convertendo-os em produtos químicos, alimentares e farmacêuticos.

(25 palavras)

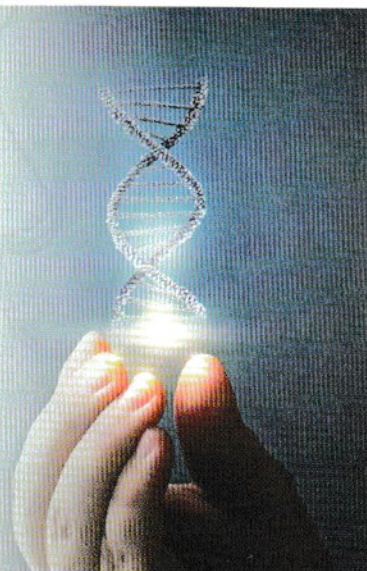
AGORA FAZ TU

Lê o texto apresentado e **redige** uma síntese.

A pele branca dos europeus

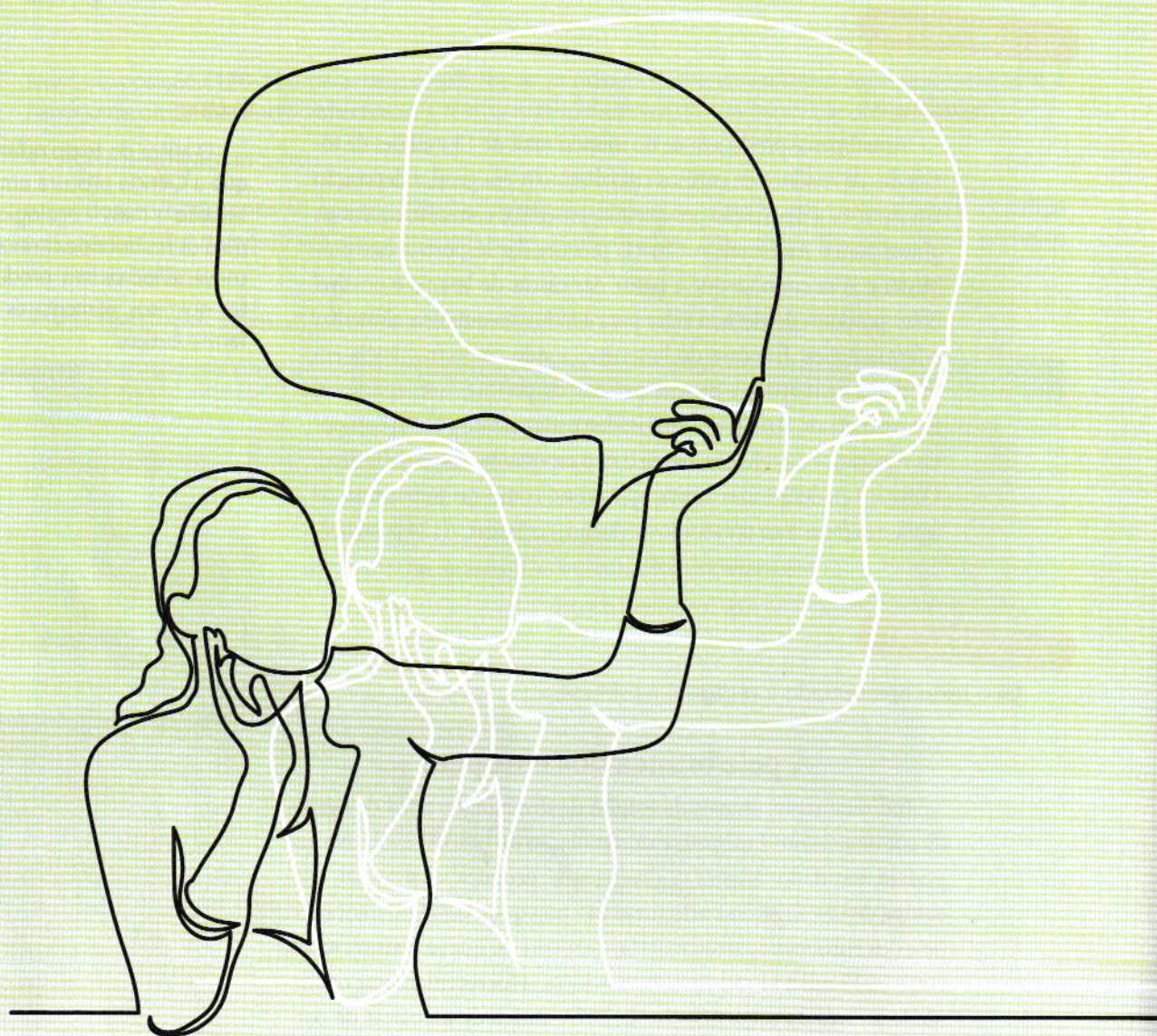
Indiretamente, através do estudo da diversidade atual dos genes da cor da pele nos Europeus e de simulação da história evolutiva que poderá ter dado origem à diversidade genética observada, uma equipa de investigação portuguesa estimou que a despigmentação da pele dos europeus ocorreu mais tardiamente do que se pensava antes, entre há 19 mil e 11 mil anos. Esta evidência foi recentemente confirmada através da sequenciação de DNA antigo de amostras de contextos arqueológicos distribuídos pela Europa. Deste modo, os variantes genéticos da cor de pele branca começam por aparecer já com alguma frequência nos remanescentes humanos com 9000 anos, e propagam-se rapidamente depois devido à ação da seleção natural.

<http://www.cienciaviva.pt/saberastu/> (consultado em 30/08/2019).



Síntese

Cerca de 1/5 do texto base



Oralidade

O **documentário** aborda uma grande variedade de temas. A informação recolhida é seletiva e representativa, apresentando marcas de subjetividade. Um documentário pode consistir na cobertura de um tema ou acontecimento, ilustrando uma perspetiva sobre um determinado assunto.

VÊ COMO SE FAZ

Percurso de registo e tratamento de informação

No início

- Registrar e tratar informação oral exige: silêncio, concentração e material adequado.

ANTES da audição / do visionamento

- Prepara papel e lápis.
- Atenta nas informações do professor acerca do tema, da extensão temporal do documento, do número de vezes que será possível visionar/ouvir o documento,...
- Lê o guião de audição/visionamento.

DURANTE a audição / o visionamento

- Ouve/visiona atentamente o documento;
- Toma pequenas notas em tópicos;
- Usa abreviaturas, não tentes escrever frases completas;
- Assinala os momentos em que tiveste dificuldade em reter informação;
- Identifica ideias-chave;
- Distingue informação objetiva e subjetiva (podes criar duas tabelas para fazer esse registo);
- Regista os nomes dos intervenientes;
- Regista os nomes dos autores do documento;
- Regista o título e subtítulo do texto;
- Esboça a estrutura do documento;
- Entre visionamentos/audições relê o guião;
- Durante o segundo visionamento/audição, completa as informações que perdeste.

DEPOIS da audição / do visionamento

- Organiza o material que recolheste;
- Sequencializa a informação obtida;
- Reflete sobre o que visionaste/ouviste;
- Faz inferências;
- Atenta no guião e reorganiza toda a informação.

AGORA FAZ TU

- 1** Vais **ouvir** um documentário. Apoia-te no quadro apresentado como guião para **registares** informação.



Informações

Registo de notas

Tema

Produtor

Título /
subtítulo(s)

Ideias-chave

Nomes dos
intervenientes

Informação
objetiva

Informação
subjativa

Estrutura do
documento

Inferências

A **reportagem** aborda uma grande variedade de temas, privilegiando a multiplicidade de pontos de vista dos diversos intervenientes. A informação é seletiva e verifica-se uma alternância entre um discurso de primeira pessoa, com os depoimentos dos vários intervenientes, e o discurso do repórter na terceira pessoa, relatando os factos.

Atenta em algumas características da reportagem.



AGORA FAZ TU

- 1** Vais ouvir uma reportagem sobre a falta de água no Alentejo. Apoia-te no quadro apresentado como guião para **registares** informação.



Informações	Registo de notas
Extensão do documento	
Tema	
Título / subtítulo(s)	
Ideias-chave	
Nomes dos intervenientes	

ASAP! **ENTRANCE**

**Informação
subjetiva**

Estrutura do documento

Inferências

A apreciação crítica é a descrição concisa de um objeto (que pode ser um livro, uma pintura, uma peça de teatro...), acompanhada de comentário crítico.

VÊ COMO SE FAZ

Introdução

Apresentação do objeto em análise

Desenvolvimento

Aspectos positivos

Aspectos negativos

Conclusão

Apreciação global

AGORA FAZ TU

- 1 Produzir um texto oral exige planificação, tal como o texto escrito. **Completa** o esquema apresentado.

Percurso de planificação de uma intervenção oral

-
- Utilização de informação pertinente:

- Conhecimentos pessoais;

-

-

-

Estruturação do discurso oral

- Introdução:

-

- Indicação do tema a abordar.

- Desenvolvimento:

- Exposição.

-

-

Produção do discurso oral

- Respeito pelas marcas de género: síntese ou apreciação crítica;
- Respeito pelos limites temporais: síntese – 1 a 3 minutos; apreciação crítica – 2 a 4 minutos;
-
- Utilização de recursos verbais e não-verbais;
-
- Utilização (ou não) de ferramentas tecnológicas.

FICHA 4 Exposição (expressão oral)

RECORDA

A **exposição** é um texto que clarifica um determinado tema, fundamentando ideias com concisão e objetividade. Para melhor estruturação do texto, é necessário recorrer aos conectores discursivos.

© ÁREA EDITORES

VÊ COMO SE FAZ

Introdução

Tema

Desenvolvimento

Explicação

Exemplificação

Conclusão

Retoma do tema

AGORA FAZ TU

- 1 **Apresenta** uma exposição oral à turma sobre a importância do cómico como expressão da crítica e fator de moralização social em Gil Vicente. **Apoia-te** na planificação apresentada.

Introdução

Gil Vicente é um dramaturgo do século XVI.

Desenvolvimento

- Dramaturgo em tempo de mudança social na transição da Idade Média para o Renascimento.
- As suas peças divertem e moralizam.
- Recorrendo ao cómico denuncia vícios sociais (crise de valores, corrupção, secundarização do papel da mulher, conflito de gerações,...)
- Exemplos retirados da peça estudada.

Conclusão

As peças vicentinas servem a moralização e a diversão.

A síntese (1 a 3 minutos) é a redução de um texto ao essencial através da seleção das ideias-chave.

VÊ COMO SE FAZ

- 1 Vais ler um texto sobre Gil Vicente e **atentar** nas ideias principais sublinhadas.

Gil Vicente e o seu tempo

Os séculos XV e XVI foram marcados pelas grandes navegações e pela exploração de novos territórios no Oriente, África e América. Com a descoberta de novas rotas marítimas entre a Europa Ocidental e as Índias, a burguesia da Europa Ocidental conhece importantes desenvolvimentos. Consequentemente, o sistema económico centrado no Mediterrâneo será transferido para o Atlântico provocando a erosão e o gradual desgaste do domínio de Veneza e da Itália do Renascimento.

Pensa-se que Gil Vicente terá nascido em Guimarães no ano 1470. Não se sabe ao certo se terá estudado em Lisboa ou em Salamanca, mas sabe-se que, aos 23 anos, desempenhava a função de Mestre de Retórica, e que cantava e atuava seguindo a tradição do buffone, na casa do Duque de Beja, coroado Rei D. Manuel I em 1495. Terá sido músico, ator, poeta e dramaturgo. Escreveu em castelhano e em português. Foi também ourives e vedor do património de ourivesaria em Tomar e Lisboa.

Beatriz Barata, "Prefácio", in *Gil Vicente, Auto da Barca do Inferno*, *Expresso*, outubro de 2017.

- 2 **Preenche** a seguinte grelha de registo após a leitura do texto.

Tema do texto	
Intencionalidade comunicativa / Objetivo do texto	
Ideias-chave	

- 3 **Planifica** uma síntese oral do texto (1 a 3 minutos).



Gramática

- 1 Lê o texto e responde ao questionário.

Formação da língua portuguesa

Os processos de aparecimento e evolução histórica do português europeu, em conexão com dados da história social e cultural, podem ser divididos em quatro períodos sucessivos: origens, português antigo (sécs. XII-XIV), português médio (séc. XV) e português clássico (sécs. XVI-XVIII). Os limites cronológicos destes períodos e as etiquetas atribuídas a cada um não têm grande rigor e sofrem mesmo de alguma arbitrariedade, justificando-se pela facilidade da apresentação. Assim, entende-se por **origens** o período que vem até ao início do uso escrito da língua portuguesa, hoje situável no último quartel do séc. XII. Mas esse início, que tem flutuado ao sabor da descoberta de novos documentos, não nos diz muito sobre a língua que o povo falava. O período seguinte, o **português antigo**, comporta a consolidação da língua escrita, oficial e literária, e é nele que a língua transfere o seu centro de gravidade do Norte para o Sul do reino. Na passagem do séc. XIV para o séc. XV, momento de grandes transformações políticas e sociais, inicia-se uma série de mudanças coincidentes na estrutura da língua falada, com reflexos na escrita, que abrem um curto período de crise, o **português médio**, o qual transfigura a fisionomia da língua e abre as portas ao período do **português clássico**. Entre a primeira metade do séc. XVI e finais do séc. XVIII, o desenvolvimento da alfabetização e da leitura graças à imprensa, a ação normalizadora dos gramáticos e a influência de grandes modelos literários fornecem alguns traços mais vinculados a este longo período, durante o qual a língua falada se aproxima do seu estado moderno. É também durante este período que, no Brasil, tem início uma outra história da língua portuguesa, marcada por influências de contacto com outras línguas (índias e africanas). Faltam estudos suficientes sobre a língua de finais do séc. XVIII e do XIX que permitam descrever em perspetiva diacrónica o que se poderia chamar o **português moderno**.

Origens

As línguas românicas têm a sua origem na transformação e na divisão interna do latim falado na Europa, durante a desagregação do Império Romano. Numa região pouco acessível e tardiamente romanizada do noroeste da Península Ibérica, correspondendo à província romana *Gallaecia et Asturica* e, em termos modernos à Galiza, ao ocidente de Astúrias e ao norte de Portugal (até ao paralelo de Aveiro), a variedade de latim aí falado seguiu, a partir dos sécs. V-VI, uma evolução própria, distinta da que sofreram as regiões suas vizinhas. Neste recinto se constituiu uma variedade românica distinta (um romance), que esteve na origem tanto do galego como do português, que de início mais não seriam que dialetos pouco diferenciados entre si.

Português Antigo (sécs. XII-XIV)

A origem da língua portuguesa encontra-se no latim do noroeste. O romance galego-português teve, por motivos políticos, uma considerável expansão fora da sua área inicial, que, por sua vez, acarretou uma quebra da unidade primitiva. A criação do

- 40 Condado Portucalense, em finais do séc. XI, e a sua separação do reino de Galiza abriram esse processo diferenciador. Entretanto, com a constituição do reino de Portugal (séc. XII), a língua portuguesa nascente deslocou-se do noroeste para sul e leste, ocupando quase exatamente o território que fora definido pelas armas.

Português Médio (séc. XV)

- 45 A transferência do poder político do Norte para Lisboa, ainda no séc. XIII, e o predomínio dos dialetos centro-meridionais serviram de base à elaboração, a partir do séc. XV, de uma norma culta (e de uma língua literária) afastada dos dialetos setentrionais e do galego, que tinham sido a base da língua dos cancioneiros trovadorescos.

Português Clássico (sécs. XVI-XVIII)

No território continental, o mapa dialetal português da época clássica pouco difere do atual.

Ivo Castro, "Formação da língua portuguesa", in *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 7-12. (texto adaptado), 2013.

2 **Seleciona** a alínea mais adequada ao sentido do texto.

2.1. A classificação dos quatro períodos do português europeu é

- (A) unicamente política.
- (B) social e cultural.
- (C) clara e eficaz.
- (D) pouco rigorosa.

2.2. O reconhecimento do primeiro documento escrito em português

- (A) não apresenta data.
- (B) contém uma data ilegível.
- (C) tem variado com novas descobertas.
- (D) encontra-se danificado.

2.3. O português antigo corresponde ao momento

- (A) em que o português se torna língua oficial.
- (B) em que o norte de Portugal se separa do Sul.
- (C) em que o português se torna língua escrita.
- (D) em que o português surge no sul de Portugal.

2.4. O português médio

- (A) é um período de transformação da língua.
- (B) é a língua da lírica trovadoresca.
- (C) corresponde ao período de instalação do poder em Lisboa.
- (D) distancia-se da língua culta.

2.5. O português clássico é

- (A) a língua do português do Brasil.
- (B) indissociável da normalização da língua.
- (C) um período pouco estudado.
- (D) claramente distinto do português moderno.

- 1 Lê o texto e responde ao questionário.

Geografia da língua portuguesa

A partir da primeira metade do séc. XV e na sequência dos Descobrimentos e da expansão portuguesa no mundo, a língua portuguesa estendeu-se aos vários continentes, permanecendo até à atualidade nuns casos, tendo-se perdido noutros, adquirindo o estatuto de língua materna ou de língua segunda, impondo-se, nalguns casos, como língua oficial (independentemente de ser língua materna ou não), dando origem a pidgins¹ e a novas línguas (crioulos) ou deixando apenas vestígios lexicais nas línguas com que entrou em contacto.

A língua portuguesa está entre as línguas mais faladas do mundo, sendo a terceira língua europeia (depois do inglês e do espanhol) com maior número de falantes. Estima-se que seja a língua de mais de 230 milhões de pessoas, das quais, como sabemos, só cerca de 10 milhões e meio são portugueses residentes em Portugal. Os emigrantes portugueses espalhados pelo mundo, em todos os continentes, serão perto de 5 milhões.

A língua portuguesa é atualmente falada em quatro continentes, embora o seu estatuto e a percentagem da população que a fala em cada um deles sejam bastante variáveis.

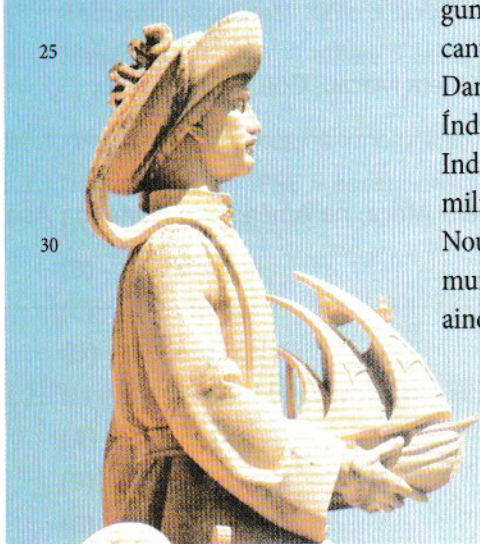
Na Europa, o português é língua materna e língua oficial em Portugal, continental e insular.

Em África, o português é hoje língua oficial nas Repúblicas de Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

Na América do Sul, o português é língua oficial da grande maioria da população do Brasil, restando, contudo, algumas bolsas de população que falam apenas línguas ameríndias.

Na Ásia, o português é língua oficial em Timor-Leste, a par do tétum, embora seja maioritariamente língua segunda, e é uma das línguas oficiais de Macau (a par do cantonês). Na Índia, o português sobrevive em Goa, Damão e Diu, territórios que faziam parte da chamada Índia Portuguesa e que foram retomados pela República Indiana em 1961; aí, o português é falado no âmbito familiar e utilizado nalgumas manifestações culturais. Noutros pontos da Ásia, como, por exemplo, Malaca, há muito fora da esfera colonial portuguesa, o português ainda é mantido, embora de forma muito residual.

Luísa Segura, "Geografia da Língua Portuguesa",
in *Gramática do Português*,
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 71-74.
(texto adaptado), 2013.



¹ Língua simplificada composta de elementos de duas ou mais línguas, utilizada como forma de comunicação entre comunidades linguísticas diferentes.

- 2** Tendo em conta a informação presente no texto, **indica** se cada item é verdadeiro (**V**) ou falso (**F**).
- a) ☐ A língua portuguesa expandiu-se devido aos Descobrimentos.
 - b) ☐ Os crioulos nasceram do contacto entre os portugueses e outros povos.
 - c) ☐ Atualmente, todas as marcas linguísticas deixadas pelos portugueses persistem nos vários continentes.
 - d) ☐ A língua portuguesa é estimada por mais de 230 milhões de pessoas.
 - e) ☐ A língua portuguesa não tem estatuto de língua oficial em vários países de diferentes continentes.
 - f) ☐ O português europeu, enquanto língua materna, está circunscrito ao território continental.
 - g) ☐ Em África e na América do Sul, mais de cinco países adotaram o português como língua oficial.
 - h) ☐ O português é a única língua da população brasileira.
 - i) ☐ O português é a única língua oficial de Macau.
 - j) ☐ Alguma população da Índia ainda fala português.

2.1. Corrige as seis afirmações falsas.

3 Procura o intruso em cada uma das frases.

- a) O português é a única língua oficial dos seguintes países: Brasil, Moçambique, Timor-Leste e Angola.

- b) O português não possui o estatuto de língua oficial em Macau, Goa, Damão e Diu.

- c) Atualmente, o português é oficialmente falado em África, na América do Norte, na Ásia e na Europa.

- 1 Lê o texto e **responde** ao questionário.

Fenómenos de mudança na história do português

Chama-se mudança linguística à alteração dos sons, palavras e frases de uma língua ao longo da história. Observando as línguas no plano do tempo (ou diacronia), percebe-se que por alguma razão há sempre diferenças entre enunciados da mesma língua desde que tenham sido produzidos em épocas distintas.

Rita Marquilhas, "Fenómenos de mudança na história do português", in *Gramática do Português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 17, 2013.

Os processos fonológicos são modificações a nível dos fonemas não só na evolução da língua ao longo dos tempos, mas também na realização oral, num determinado tempo, e na formação de palavras.

- 2 **Sublinha**, em cada alínea, a única palavra em que ocorreu o processo fonológico indicado.

- | | | | |
|-----------------------------|--------------------|----------------------|-----------------------|
| a) Aférese: | calidu > caldo; | clamare > chamar; | acúmen > cume. |
| b) Síncope: | moneta(m) > moeda; | totum > todo; | hodie > hoje. |
| c) Apócope: | humile > humilde; | clamare > clamar; | corona > coroa. |
| d) Prótese: | psalmo > salmo; | secretu > segredo; | i > aí. |
| e) Epêntese: | lacum > lago; | perla(m) > pérola; | assi > assim. |
| f) Paragoge: | Meestre > Mestre; | page > pajem; | opera > obra. |
| g) Assimilação: | regno > reino; | persona(m) > pessoa; | polo > pelo. |
| h) Dissimilação: | lilium > lírio; | pera > para; | solitariu > solteiro. |
| i) Redução vocálica: | bolo > bolinho; | porta > portinha; | escola > escolinha. |
| j) Metátese: | afflare > achar; | frolido > florido; | humile > humilde. |

- 3 Tendo em conta os processos fonológicos, **assinala** a alínea correspondente à opção correta.

3.1. Na evolução de **IPSE > esse**, verificou-se uma

- (A) ☐ dissimilação.
 (B) ☐ síncope.
 (C) ☐ aférese.
 (D) ☐ assimilação.

3.2. Na evolução de **SUPER > sobre**, ocorreu uma

- (A) ☐ metátese.
 (B) ☐ apócope.
 (C) ☐ epêntese.
 (D) ☐ aférese.

3.3. Não se verificou redução vocálica em

- (A) ☐ janela > janelinha.
 (B) ☐ caixa > caixinha.
 (C) ☐ doce > docinho.
 (D) ☐ sono > soninho.

3.4. Na evolução de **fabulare > fablar > falar**, os processos fonológicos ocorridos são

- (A) ☐ apócope, aférese e dissimilação.
 (B) ☐ síncope, metátese e apócope.
 (C) ☐ apócope, síncope e assimilação.
 (D) ☐ apócope, assimilação e metátese.

3.5. Não se verificou uma síncope em

- (A) ☐ manum > mão.
 (B) ☐ secretu > segredo.
 (C) ☐ ovicula > ovicla > ovelha.
 (D) ☐ acucula > acucula > agulha.

3.6. Na evolução de **anima > anma > alma**, ocorreram os seguintes processos fonológicos:

- (A) ☐ síncope e dissimilação.
 (B) ☐ prótese e metátese.
 (C) ☐ síncope e assimilação.
 (D) ☐ prótese e metátese.

4 Identifica os processos fonológicos ocorridos na evolução de cada vocábulo.

Vocábulo	Processos fonológicos	Vocábulo	Processos fonológicos
a) AD SIC > assim		e) deziām > diziam	
b) SEMPER > sempre		f) STELLA > estrela	
c) ante > antes		g) ATONITU > tonto	
d) pequeno > pequenino		h) candeas > candeias	

5 Identifica o processo fonológico comum às palavras de cada alínea.

a) NOSTRU(M) > nosso; IPSUM > isso; PERSICU > pêssego.

b) LILIU(M) > lírio; CALAMELLU > caramelo; MEMORARE > lembrar.

c) SCUTU(M) > escudo; SPECULU(M) > espelho; STATU > estado.

d) madre > mae > mãe; queredes > querees > quereis; PEDEM > pee > pé.

e) ACUMEN > acume > cume; PECTUM > pectu > peito; MERULUM > merulu > merlu > melro.

f) HUMILE > humilde; enleos > enleios; STELLA > estrela.

g) coro > coral; casa > casinha; pata > patinha.

- 1 Lê a seguinte tira de banda desenhada.



Quino, *Toda a Mafalda*, Lisboa: Verbo, 2014.

- 2 Identifica a função sintática dos constituintes apresentados.

Constituintes	Função sintática
a) "a escola"	
b) "Filipe"	
c) "(já) te"	
d) "no primeiro dia da 1.ª classe"	
e) "páginas e páginas"	
f) "estiveste lá uma manhã inteira"	
g) "malditos"	

- 3 A partir da banda desenhada, **escreve** frases com a estrutura indicada.

- a) sujeito + predicado (forma verbal + complemento direto).

- b) sujeito composto + predicado (forma verbal + modificador do grupo verbal + complemento oblíquo).

- c) predicado + sujeito simples plural + complemento do nome.

- d) modificador do grupo verbal + sujeito + predicado (forma verbal + predicativo do sujeito).

- e) sujeito + predicado (forma verbal + complemento direto + predicativo do complemento direto).

- 4 **Completa** cada uma das frases de acordo com a informação entre parênteses.

- a) O Filipe comprou (um constituinte) _____
- b) A professora colocou (dois constituintes) _____
- c) A Mafalda fez (dois constituintes) _____
- d) O Filipe e a Mafalda são (um constituinte) _____

- 4.1. **Classifica**, sintaticamente, cada um dos constituintes que utilizaste.

FICHA 5 Funções sintáticas – II

- 1** **Identifica** o complemento direto de cada frase e **reescreve-a**, substituindo esse complemento por um dos seguintes pronomes pessoais: **o, a, os, as**.

a) A diretora confirmou os dados.

b) A televisão anunciou uma grande catástrofe.

c) Os alunos realizaram a tarefa enviada pela professora de Português.

d) Os avós já guardaram as fotografias dos netos.

e) Quando vamos abraçar os nossos filhos?

1.1. Completa a informação abaixo com as palavras apresentadas.

- objeto • pronome pessoal • verbo • complemento direto

O **a)** _____ designa o ser ou o **b)** _____ sobre o qual recai a ação expressa pelo **c)** _____. Geralmente, é um grupo nominal, substituível por um **d)** _____.

- 2** **Substitui** o complemento direto pelo pronome demonstrativo **isso**.

a) As autoridades afirmaram que devemos ficar em casa.

b) Os cidadãos perguntam se as informações são verdadeiras.

2.1. Completa a frase abaixo com uma expressão constituída por quatro palavras.

Quando o complemento direto é uma _____
é substituível pelo pronome demonstrativo **isso**.

- 3** **Assinala** as frases que apresentam um complemento indireto.

- a) ☐ Eles responderam corretamente aos jornalistas.
b) ☐ O Primeiro-Ministro falou aos portugueses.
c) ☐ Cumpri, com rigor, as indicações dadas pelas entidades de saúde.
d) ☐ Recomendei muita prudência aos meus alunos.
e) ☐ Pedi-lhe que abrisse a janela.

3.1. Classifica como verdadeiras (**V**) ou falsas (**F**) as afirmações abaixo. **Corrige** a(s) falsa(s).

- a) ☐ O complemento indireto é um complemento do verbo.
b) ☐ O complemento indireto tem a forma de um grupo preposicional (preposição **a**).
c) ☐ O complemento indireto não é substituível por um pronome.

- 1 Lê o excerto apresentado.

A invenção da bússola

Originária da China, desempenhou um papel fundamental na navegação e tornou possíveis os Descobrimentos. Com a bússola, os navegadores sentiam-se mais seguros, pois sabiam que rota seguir.

- O fenómeno do magnetismo, provocado pelo atrito dos fragmentos de ferro com ímanes naturais, era conhecido há muito. Mencionado em textos de Tales de Mileto e de Platão, na Antiguidade, era igualmente conhecido na China, onde se descobriu em data não determinada que toda a agulha magnetizada gira livremente, assinalando sempre o eixo norte-sul. Na verdade, na China, a agulha mostrava o Sul: por especial deferência perante o imperador, o engenho tinha de dar respeitosamente as costas à
- 10 Ursa Maior, residência do “Soberano do alto”, de quem o imperador era sumo sacerdote na Terra.

- Fabricavam-se bússolas secas (pequenas tartarugas talhadas em madeira que continham magnetite e que giravam sobre um pivot de bambu afiado) e húmidas (barras de metal que flutuavam sobre a água). Essas agulhas serviam para práticas divinatórias e cerimónias de homenagem aos quatro pontos cardeais. Alguns textos, de 1044, descrevem o seu uso por soldados perdidos na noite ou desorientados pelo
- 15 mau tempo, mas foram os árabes que deram à bússola o uso náutico decisivo. (...)

Na Europa, passou-se do uso simples da agulha magnetizada para a criação de um instrumento sofisticado, acompanhado por indagações sobre a física do magnetismo. (...)

- A primeira menção na Europa sobre o uso prático de bússolas na navegação surge no final do século XII em *De utensilibus* (Sobre os instrumentos), do sábio inglês Alexander Neckman. Os marinheiros não tardaram a estender a sua utilização em todo o mar do Norte e no oceano Atlântico. Graças a
- 20 esta nova tecnologia, podiam avançar pelo mar com maior segurança do que até então.

<https://nationalgeographic.sapo.pt> (consultado em 31/12/2019).



- 2 Assinala a opção que completa corretamente cada uma das frases seguintes.

2.1. O constituinte “os Descobrimentos” (l. 2) desempenha a função sintática de

- (A) ☐ sujeito.
 (B) ☐ complemento direto.
 (C) ☐ predicativo do sujeito.
 (D) ☐ predicativo do complemento direto.

2.2. O predicado “deram à bússola o uso náutico decisivo.” (l. 15) é constituído por

- (A) ☐ complemento direto e predicativo do complemento direto.
 (B) ☐ complemento indireto e sujeito.
 (C) ☐ complemento direto e modificador do nome apositivo.
 (D) ☐ complemento indireto e complemento direto.

2.3. O sujeito da primeira frase do último parágrafo é

- (A) ☐ “A primeira menção na Europa sobre o uso prático de bússolas na navegação”.
 (B) ☐ “A primeira menção”.
 (C) ☐ “A primeira menção na Europa”.
 (D) ☐ “A primeira menção sobre o uso prático de bússolas na navegação”.

- 3 **Atenta** na frase "Essas agulhas serviam para práticas divinatórias e cerimônias de homenagem aos quatro pontos cardeais" (ll. 13-14) e **associa** os elementos presentes na coluna **A** à sua função sintática, selecionando-a na coluna **B**.

A	B
A. "Essas agulhas"	1. Complemento direto
B. "serviam para práticas divinatórias e cerimônias de homenagem aos quatro pontos cardeais"	2. Complemento indireto
C. "para práticas divinatórias e cerimônias de homenagem aos quatro pontos cardeais"	3. Complemento oblíquo
D. "divinatórias"	4. Sujeito
E. "aos quatro pontos cardeais"	5. Modificador do grupo verbal
	6. Predicado
	7. Predicativo do sujeito
	8. Complemento do nome
	9. Modificador do nome restritivo
	10. Complemento do adjetivo
	11. Modificador do nome apositivo

- 4 **Atenta** no título do texto "A invenção da bússola" e conclui que o grupo preposicional é um elemento obrigatório.

A invenção da bússola

nome derivado do verbo inventar

grupo preposicional

- 4.1. **Retira** do texto outro exemplo com a mesma construção.

- 4.2. **Constrói** frases em que associes cada nome a um grupo preposicional.

Nome	Grupo preposicional	Frase
a) acesso	1. de resiliência	A. _____
b) interesse	2. de meios	B. _____
c) capacidade	3. por viagens culturais	C. _____
d) escassez	4. das cidades desertas	D. _____
e) imagem	5. às novas tecnologias	E. _____
f) ideia	6. de viajar em segurança	F. _____

- 4.3. **Identifica** a função sintática de cada grupo preposicional.

- 5 **Atenta** na expressão "Originária da China" e **completa** a frase.

- 5.1. A palavra "Originária" pertence à classe do _____ e seleciona um grupo preposicional com a função sintática de _____.

- 5.2. **Sublinha** as expressões que desempenham a função sintática de complemento do adjetivo.

- Estou surpreendida com a tua audácia.
- Devemos ficar felizes com pequenos gestos de solidariedade.
- Os portugueses são capazes de se unirem em momentos difíceis.
- Será que já podemos estar livres de inquietações?
- Estou certa do sucesso do nosso projeto.

1 Lê o seguinte texto.

Papagaios: as aves mais humanas

Os papagaios podem ser tão inteligentes como uma criança de 3 anos e alguns vivem até aos 80. Cantam, dançam, imitam-nos e arrebatam os nossos corações. Esta popularidade tornou-se uma ameaça para eles.

Por vezes, os sons emitidos por uma vocalista a aquecer a voz pairam nos aviários do Parque de Aves do Rio Umgeni. E quem será a diva em questão? Uma fêmea de papagaio chamada Molly. Este papagaio-de-frente-azul aprendeu a cantar escalas com um dono anterior. Muitos dos papagaios deste jardim zoológico e centro de reprodução em Durban, na África do Sul, foram salvos depois de serem abandonados por pessoas mal preparadas para os desafios de terem uma ave grande e carente. Além de ruidosos e destrutivos, alguns papagaios são tão inteligentes como uma criança de 3 anos.

Mesmo assim, a vontade de ter um papagaio pode ser irresistível. Altamente sociáveis e inteligentes, as aves criam laços fortes com os seus donos. Junte-se a isso a sua capacidade para imitar vozes humanas e não é coincidência que os papagaios sejam, indiscutivelmente, a ave de estimação mais popular do planeta.

Em alguns casos, porém, a sua popularidade está a prejudicá-los. Apesar de programas de reprodução bem implementados em todo o mundo, muitos papagaios ainda são ilegalmente capturados em estado selvagem. As quadrilhas da criminalidade organizada, que ganham milhares de milhões de euros a traficar animais, como elefantes e rinocerontes, acrescentaram os papagaios ao seu repertório. O tráfico ilegal de papagaios está a aumentar na América Latina e nas Caraíbas, onde as leis podem ser permissivas ou difíceis de aplicar. (...)

A procura de animais de estimação, juntamente com a desflorestação e a perda de habitat, é o principal motivo para os papagaios estarem atualmente classificados com o estatuto de ameaçados de extinção. (...)

O centro deste comércio é a África do Sul, que exporta mais papagaios-cinzentos do que qualquer outro país. Historicamente, a maior parte das encomendas provém dos EUA e da Europa, mas o medo da gripe das aves e as restrições ao comércio de aves afetaram negativamente esses mercados. (...)

Para continuar a vender aves no estrangeiro, os criadores têm agora de provar aos inspetores da CITES¹ que os seus papagaios foram criados em cativeiro. A maioria das crias nascidas em cativeiro tem uma anilha de identificação permanente nas patas. Os traficantes podem ter descoberto como colocar essas anilhas em aves selvagens e nem sempre é fácil distinguir uma ave criada em cativeiro de uma selvagem. (...)

O desafio a longo prazo, dizem os conservacionistas, é convencer o público de que os papagaios são mais do que companheiros divertidos. São centenas de espécies que vivem em quase todos os continentes, mas podem, dentro de pouco tempo, voar discretamente para fora do alcance do radar e rumo à extinção.



<https://nationalgeographic.sapo.pt>
(consultado em 31/12/2019).

¹ Convention on International Trade in Endangered Species of Wildlife and Flora.

2 Sublinha as frases simples.

- a) Os papagaios têm uma longa vida.
- b) Muitos papagaios foram soltos depois do seu abandono.
- c) As quadrilhas da criminalidade organizada, que ganham fortunas com o tráfico de animais, acrescentaram os papagaios ao seu repertório.
- d) Os animais ameaçados de extinção devem ser protegidos.
- e) "A maioria das crias nascidas em cativeiro tem uma anilha de identificação permanente nas patas".

3 Assinala a opção correta.

3.1. A frase "Cantam, dançam, imitam-nos e arrebatam os nossos corações" é constituída por

- (A) ☐ três orações subordinadas e uma oração subordinante.
- (B) ☐ quatro orações coordenadas com valor de adição.
- (C) ☐ três orações coordenadas e uma oração subordinante.
- (D) ☐ quatro orações subordinadas.

3.2. A palavra "que" (l. 13) introduz uma oração

- (A) ☐ subordinada adjetiva relativa restritiva.
- (B) ☐ subordinada adverbial causal.
- (C) ☐ subordinada substantiva relativa.
- (D) ☐ subordinada substantiva completiva.

3.3. A frase "O tráfico ilegal de papagaios está a aumentar na América Latina e nas Caraíbas, onde as leis podem ser permissivas ou difíceis de aplicar" (ll. 20-21) é composta por

- (A) ☐ duas orações: subordinante e subordinada adjetiva relativa explicativa.
- (B) ☐ três orações: subordinante, subordinada adjetiva relativa e coordenada disjuntiva.
- (C) ☐ duas orações: subordinante e subordinada adjetiva relativa restritiva.
- (D) ☐ três orações: subordinante, subordinada substantiva relativa e coordenada disjuntiva.

3.4. A oração "que exporta mais papagaios-cinzentos do que qualquer outro país." (ll. 25-26) designa-se

- (A) ☐ subordinada substantiva relativa.
- (B) ☐ subordinada adjetiva relativa explicativa.
- (C) ☐ subordinada substantiva completiva.
- (D) ☐ subordinada adverbial causal.

3.5. O último período do texto é constituído por

- (A) ☐ três orações ligadas por coordenação.
- (B) ☐ três orações ligadas por subordinação.
- (C) ☐ três orações: duas ligadas por subordinação e uma por coordenação.
- (D) ☐ três orações: uma subordinante, uma coordenada e uma subordinada.

4 Divide e classifica as orações presentes na frase "Para continuar a vender aves no estrangeiro, os criadores têm agora de provar aos inspetores da CITES que os seus papagaios foram criados em cativeiro." (ll. 29-30).

- 5 **Assinala** as frases da coluna **B** que completam a da coluna **A** através de uma relação de subordinação concessiva.

A	B
Os papagaios são aves muito pretendidas	a) ainda que estejam em vias de extinção. b) porque têm um preço valioso. c) apesar de serem ruidosos. d) embora atinjam um preço elevado. e) visto serem muito sociáveis e inteligentes.

- 6 **Assinala** as frases cuja oração subordinada desempenha a função sintática de complemento direto.

- a) ☐ Dizem que os papagaios estão em vias de extinção.
- b) ☐ Os inspetores determinaram que os papagaios fossem libertados.
- c) ☐ É imprescindível que controlem a venda de papagaios.

- 7 **Transforma** cada par de frases simples em frases complexas, estabelecendo a relação indicada entre parênteses.

- a) Ele interessa-se por papagaios. Os papagaios vivem em cativeiro. (subordinação adjetiva relativa restritiva)
- b) Este papagaio canta bem. As crianças estão encantadas. (subordinação adverbial consecutiva)
- c) Os inspetores já descobriram. A anilha de identificação é falsa. (subordinação substantiva completiva)
- d) Os papagaios estão em vias de extinção. A desflorestação e a procura de animais exóticos são intensas. (subordinação adverbial causal)
- e) Não cumprem a lei. Podem ser presos. (subordinação substantiva relativa)
- f) O controlo é mais eficaz. A maioria das crias tem uma anilha. (subordinação adverbial final)
- g) Os traficantes colocam anilhas em aves selvagens. Os inspetores nem sempre as conseguem detetar. (subordinação adverbial temporal)

- 8 **Transforma** as expressões sublinhadas em orações subordinadas, fazendo as alterações necessárias.

- a) O trabalho bem feito é fundamental.
- b) O juiz considerou o traficante culpado.
- c) Os ambientalistas pediram ajuda aos nativos no combate ao tráfico de aves exóticas.

FICHA 8 Valores semânticos de palavras considerando o respetivo étimo

- 1 Lê o seguinte texto.

Evolução semântica

Camões e os humanistas introduziram muitas palavras a partir da etimologia latina ou grega. O vocábulo “pirilampo” entra no uso comum depois de a Academia Real das Ciências o ter proposto como substituição de “caga-lume”. Termos que usamos no nosso quotidiano tiveram um desvio semântico nos últimos tempos: “sofisticar” (enganar) e “displicente” (irritante) deslizaram para os sentidos de “requintar” e “indiferente”. (...)

Sabemos desde a Idade Média quem são os cavaleiros da Távola Redonda na demanda do Santo Graal. Suponhamos que substituímos a frase feita por outra: “Os ginetes da mesa circular à procura da tigela sagrada?” Será irrelevante usarmos “mesa” em vez de “távola”, cortando a ancestralidade da palavra; afastarmos a “demanda” tão enobrecida ou substituímos o pomposo “graal” pela humilde “tigela” ou “malga”, que é um objeto semelhante? Claro que não. “ginete” não é exatamente a mesma coisa que “cavaleiro” (que envolve um estatuto), e os significados de “sagrado” e “santo” também não se ajustam perfeitamente.

Mário de Carvalho, *Quem disse o contrário é porque tem razão*, Porto: Porto Editora, 2014, pp. 226-228.

- 2 Preenche o quadro seguinte.

Étimo	Palavra em português	Palavras portuguesas formadas a partir do étimo	Significado atual
a) ABSENTE	ausente		
b) ARENAM	areia		
c) CANES	cão		
d) HODIE	hoje		
e) LEGE	lei		
f) OCTO	oito		
g) PATER	pai		
h) PERSONAM	pessoa		

- 3 Tendo em conta que a palavra **chuva** provém do étimo PLUVIAM, **constrói** três frases em que integres palavras atuais formadas a partir do referido étimo.

- 4 Atenta nas palavras apresentadas e o no seu significado original. **Preenche** o quadro.

Palavra	Significado original	Significado atual
a) Calamidade	temporal destruidor das colheitas	
b) Estilo	estilete para escrever nas tábuas	
c) Ministro	servidor, subordinado	
d) Missa	ato de deixar sair	
e) Peculiar	relacionado com gado (PECUS)	

- 1 Lê o seguinte texto.

O que nos dizem as palavras

De todos estes termos, acho mais interessantes, de um ponto de vista etimológico e semântico, murmurinho, a partir de murmúrio, uma expressiva onomatopeia com que em latim se pretendia reproduzir o redondo rumor do mar; aia (avó, também em latim) e âmbar, mais um vocábulo de origem árabe. (...) Gosto desta palavra: afeiçoar, e do seu duplo sentido: tanto significa desenvolver afeto, como moldar-se. Porque é isto que acontece – quando nos afeiçoamos muito a alguém ou a alguma coisa vamos ganhando pouco a pouco a forma dessa pessoa ou dessa coisa. Um homem velho e a sua esposa chegam a tornar-se, ao fim de cinquenta anos de vida em comum, tão semelhantes como irmãos. Um cão velho imita a tosse do dono.

Assim como nós criamos as línguas, também as línguas nos criam a nós.

José Eduardo Agualusa, *Milagrário Pessoal*, Lisboa: Dom Quixote, 2010, pp. 57-59.

- 2 Associa cada palavra ao seu significado.

Palavra		Significado	
a) casa	d) casebre	1. aglomerado de casas	4. edifício para habitação
b) casarão	e) casinhola	2. casa pequena e degradada	5. abrigo para cães
c) casario	f) casota	3. casa pequena e de construção ligeira	6. casa grande

2.1. Tendo em conta os destaques, **indica** o processo de formação dessas palavras.

- 3 Assinala com um **X** as palavras derivadas e escreve a palavra que lhes deu origem.

Palavra	Palavra derivada	Palavra-base	Significado das palavras da 1.ª coluna
a) manipular			
b) manteigueira			
c) mealheiro			
d) medonho			
e) meirinho			

- 4 Escreve uma frase para cada uma das formas verbais indicadas: *fazer*, *afazer*, *desfazer* e *refazer*.

- 4.1. _____
- 4.2. _____
- 4.3. _____
- 4.4. _____

- 5 Identifica o prefixo presente em cada palavra e **indica** o seu valor.

Palavra	Prefixo	Valor	Palavra	Prefixo	Valor
a) desagregar			d) induzir		
b) desfazer			e) rever		
c) infeliz			f) reagir		

FICHA 10 Valores modais

- 1** Faz a correspondência entre cada frase da coluna **A** e a respetiva modalidade e o seu valor, presentes na coluna **B**.

A	B	
a) Temos de ficar em casa durante dois meses.	1. modalidade epistémica com valor de certeza	_____
b) Como eu gostaria de regressar à escola!	2. modalidade epistémica com valor de probabilidade	_____
c) Os alunos já devem ter lido a obra toda.	3. modalidade deôntica com valor de permissão	_____
d) Brevemente, contacto-os.	4. modalidade deôntica com valor de obrigação	_____
e) Felizmente, vai ficar tudo bem!	5. modalidade apreciativa	_____
f) Eles podem sair de casa.		_____

- 2** Reescreve as frases respeitando os valores modais apresentados.

- a) Festejo o meu aniversário em casa.
Obrigação: _____
- b) As crianças brincam no parque.
Permissão: _____
- c) Vou fazer uma viagem em agosto.
Apreciação: _____
- d) As escolas reabrem em maio.
Probabilidade: _____

- 3** Completa o quadro de acordo com o exemplo.

Frase	Modalidade e valor	Recursos linguísticos
Ex.: É permitido sair.	deôntica, valor de permissão	expressão "é permitido"
a) O tempo está fantástico!		
b) Eles devem chegar hoje!		
c) É certo que vamos regressar em breve.		
d) Não saias de casa.		
e) Talvez te ajude a fazer o bolo.		

- 4** Classifica como verdadeiras (V) ou falsas (F) as seguintes afirmações.

- a) ☐ A apreciação "Lamento que não tenhas chegado a horas" tem a intencionalidade comunicativa de expressar sentimentos.
- b) ☐ A intencionalidade comunicativa de informar é veiculada através da modalidade deôntica com valor de obrigação.
- c) ☐ A modalidade epistémica pode ter as seguintes intencionalidades comunicativas: descrever, narrar ou explicar.

4.1. Corrige a(s) falsa(s).

A anáfora como mecanismo de coesão e progressão do texto

FICHA 11

- 1** Lê atentamente o excerto apresentado.

A aranha era tão única: não parava de fazer teias! Fazia **as teias** de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: **a aranha** fazia **as teias**, mas não dava utilidade **às teias**. **A aranha** repaginava o mundo, mas sempre inacabava **as teias**. Ao fim e ao cabo, **a aranha** já ameaçava uma porção de **teias**, que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs. Tudo sem fim nem finalidade. **Toda a aranha** sabia que **a teia** cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem menos a nossa aranhinha em suas distraçoeiras funções. (...)

– Não faço teias por instinto.

– Então faz por quê?

– Faço por arte.

Benzia-se a mãe, benzia-se o pai. No enquanto, a menina prosseguia, infinita teceloa. Os pais, após concertação, a mandaram chamar.

A mãe:

– Minha filha, quando é que assentas as patas na parede?

E o pai:

– Já eu me vejo em palpos, minha filha?...

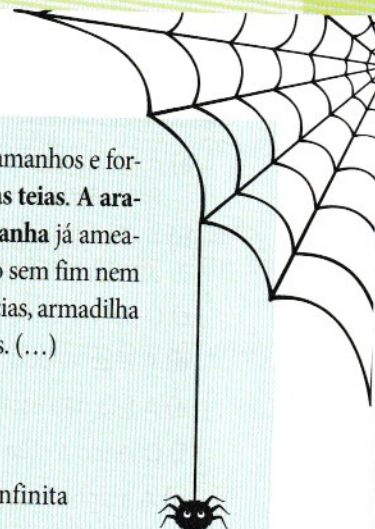
Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:

– Estamos recebendo queixas do aranha.

– O que é que dizem, mãe?

– Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.

Mia Couto, "A Infinita Fiadeira", in *Livro de Contos – O Fio das Missangas*, Lisboa: Companhia das Letras, 2009 (adaptado).



- 1.1. Retira**, do primeiro parágrafo, a expressão que contém a primeira informação essencial.

- 1.2. Apresenta**, agora, uma nova informação.

- 1.3. Completa** a seguinte frase, com exemplos do primeiro parágrafo, para comprovar a progressão temática do texto.

Enquanto o segmento _____ retoma informação anterior, a expressão _____ introduz um novo elemento.

- 1.4. Reescreve** o primeiro parágrafo do texto, evitando a repetição das palavras destacadas, de forma a manter a sua coerência e a sua coesão.

1.4.1. Indica o mecanismo de coesão textual assegurado pelas palavras que utilizaste na terceira frase.

- 2** **Faz** a ligação entre os elementos da coluna **A** e os da coluna **B** tendo em conta os segmentos sublinhados.

A – Frase	B – Mecanismo de coesão
a) A <u>aranhinha</u> é muito trabalhadora, mas <u>ela</u> nunca termina as suas tarefas.	1. coesão lexical por reiteração
b) A mãe da <u>aranha</u> não percebia porque é que a sua filha era uma <u>aranha</u> pouco eficaz.	2. coesão lexical por substituição
c) O pai via-se em palpos <u>porque</u> a sua filha era muito criticada.	3. coesão gramatical referencial
d) A mãe limpou as lágrimas <u>dos</u> olhos.	4. coesão gramatical frásica
e) A <u>teia</u> não está acabada, logo esta <u>rede</u> não capta a presa.	5. coesão gramatical interfrásica
f) Quando a mãe <u>interpelou</u> a filha, o aranha já se <u>tinha queixado</u> .	6. coesão gramatical temporal
g) A aranha tece muitas teias, mas não <u>as</u> termina.	

- 3** **Sublinha** o antecedente da palavra destacada em cada frase.

- a) A aranha faz teias, mas não **as** faz por instinto.
 b) A teia está inacabada e os pais da aranha percebem bem **isso**.
 c) A aranha deveria terminar as teias e sabia-**o** bem.
 d) A mãe não compreendia a atitude da aranhinha e disse-**lhe** que ela era distraída.
 e) A aranhica mostrou ao namorado a sua coleção de teias para que ele escolhesse **uma**.

3.1. Completa a frase.

A palavra ou expressão que retoma um antecedente designa-se _____.

- 4** **Faz** a correspondência entre os elementos das três colunas, tendo em conta as palavras sublinhadas na coluna A.

A – Frase	B – Anáfora	C – Processo de referenciação
A. A aranha tecia as <u>suas</u> teias.		a) relação de hierarquia
B. A <u>aranhinha</u> finca as <u>patas</u> para se segurar.	1. Lexical: repetição	b) relação de inclusão
C. Esta <u>teia</u> é uma <u>teia</u> lindíssima!	2. Gramatical	c) determinante possessivo
D. Esta <u>aranha</u> é casmurra. Que <u>bicho</u> !	3. Lexical: todo-parte	d) nome com sentido próximo de outro nome
E. Os pais chamaram a <u>aranha</u> e disseram- <u>lhe</u> para ser responsável.	4. Lexical: sinonímia	e) pronome relativo
F. A mãe aconselhou a <u>moça</u> por ser uma <u>jovem</u> inexperiente.	5. Lexical: hierarquia	f) retoma do nome
G. A teia <u>que</u> ela teceu está inacabada.		g) pronome pessoal

Situções de comunicação e atos de fala **FICHA 12**

1 Assinala com **V** (verdadeira) ou **F** (falsa) cada afirmação.

- a) ☐ No enunciado "Dou a palavra a Sua Excelência o Presidente da República", verifica-se um registo formal com marcas de oralidade.
- b) ☐ A frase "Tenho de queimar as pestanas se quero tirar boa nota no Exame de Português" apresenta um registo informal, característico de uma relação de proximidade entre os interlocutores.
- c) ☐ Na frase "A senhora é mais importante do que pensa.", está presente um registo informal, evidenciando que os interlocutores são íntimos.

1.1. Justifica as opções que consideraste falsas.

2 Relaciona os elementos das colunas, selecionando a opção que melhor se adequa a cada situação.

Situação comunicativa	Forma de tratamento a utilizar
a) Sala de aula de uma escola secundária	i. Senhor Presidente ii. Ilustríssimo senhor iii. [Sr.(a)] Professor(a)
b) Vendedor de uma loja de computadores	i. O senhor ii. Estimado senhor iii. Vossa Excelência
c) Encontro de amigos de infância	i. Você ii. Tu iii. Caros amigos

2.1. Constrói uma frase para cada uma das situações comunicativas anteriores.

3 Estabelece a correspondência entre cada elemento das colunas **A**, **B** e **C**.

A – Frase	B – Intencionalidade	C – Ato de fala
a) Passa-me o pão, por favor.	1. felicitar	A. promissivo
b) Não cheguei a comprar o vestido.	2. assinalar a alteração de uma situação decorrente do estatuto do locutor	B. expressivo
c) Garanto que vou cumprir o prometido.	3. negar	C. diretivo
d) Parabéns!	4. fazer um pedido	D. declarativo
e) Está muito calor!	5. manifestar um compromisso	E. assertivo
f) Está encerrada a votação!	6. fazer um convite para comer um gelado (inferência)	F. indireto

4 Lê o seguinte texto.

(...)
 – Também agora tem sempre companhia pela manhã...
 – Sim, meu primo Basílio tem aparecido. Há tanto tempo que nos não víamos! Fomos criados de pequenos, quase... Tenho-o visto quase todos os dias. (a)
 Sebastião fez logo rolar um pouco a poltrona, e curvando-se, baixando a voz:
 – Eu mesmo tinha vindo para lhe falar a esse respeito...
 Luísa abriu um olhar surpreendido.
 – A respeito de quê?
 – É que se repara... A vizinhança é a pior coisa que há, minha rica amiga. Repara em tudo. Já se tem falado. A criada do lente, o Paula. Até já vieram à tia Joana. E como o Jorge não está... O Neto também reparou. (b) Como não sabem o parentesco... E como vem todos os dias... (c)
 Luíza ergueu-se bruscamente, com o rosto alterado:
 – Então eu não posso receber os meus parentes sem ser insultada? – exclamou. (...)
 – Eu entendi que era meu dever, minha senhora. (...)
 – Perdoe, Sebastião! Mas realmente!... Não, acredite, juro-lhe, estou-lhe muito obrigada em me avisar. (d) Fez muito bem, Sebastião. Prometo pensar no assunto. (e)

Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, Porto Editora (adaptado), 2016.

4.1. Indica o ato de fala presente em cada frase sublinhada.

4.2. Transforma a frase **c)** de modo a exprimir um ato de fala assertivo.

5 **Completa** os espaços com o ato de fala adequado a cada intenção.

- a) Relacionar o locutor com a verdade do que diz. _____
 b) Levar o locutor a praticar uma ação. _____
 c) Comprometer o locutor com o que realizará. _____
 d) Expressar o estado psicológico do locutor face a uma situação. _____
 e) Criar uma nova realidade pelo estatuto decorrente do poder institucional do locutor. _____

6 **Considera** os atos de fala indiretos e **transforma**-os em atos de fala diretos.

- a) Não acham que a sala está muito abafada?

 b) Já estou com fome!

1 Indica a modalidade de reprodução do discurso no discurso presente nas frases destacadas.

- a) – *Por que razão não parou na passeadeira?*, perguntou o agente ao condutor.
- b) *O condutor respondeu que não tinha parado porque não havia peões a atravessar.*
- c) *A diretora esclareceu que os dados apresentados eram confiáveis.*
- d) – *Que notícia fantástica!* – exclamaram todos.
- e) – *Nunca pensei viver um momento como este*, dizia ela com voz embargada, enquanto via as imagens na televisão.
- f) *Os alunos confessam que preferem as aulas presenciais.*

2 Seleciona a opção correta.

2.1. O enunciado que melhor reproduz, no discurso indireto, a frase “A mãe perguntou: – Já arrumaste o teu quarto, Rui?” é o seguinte

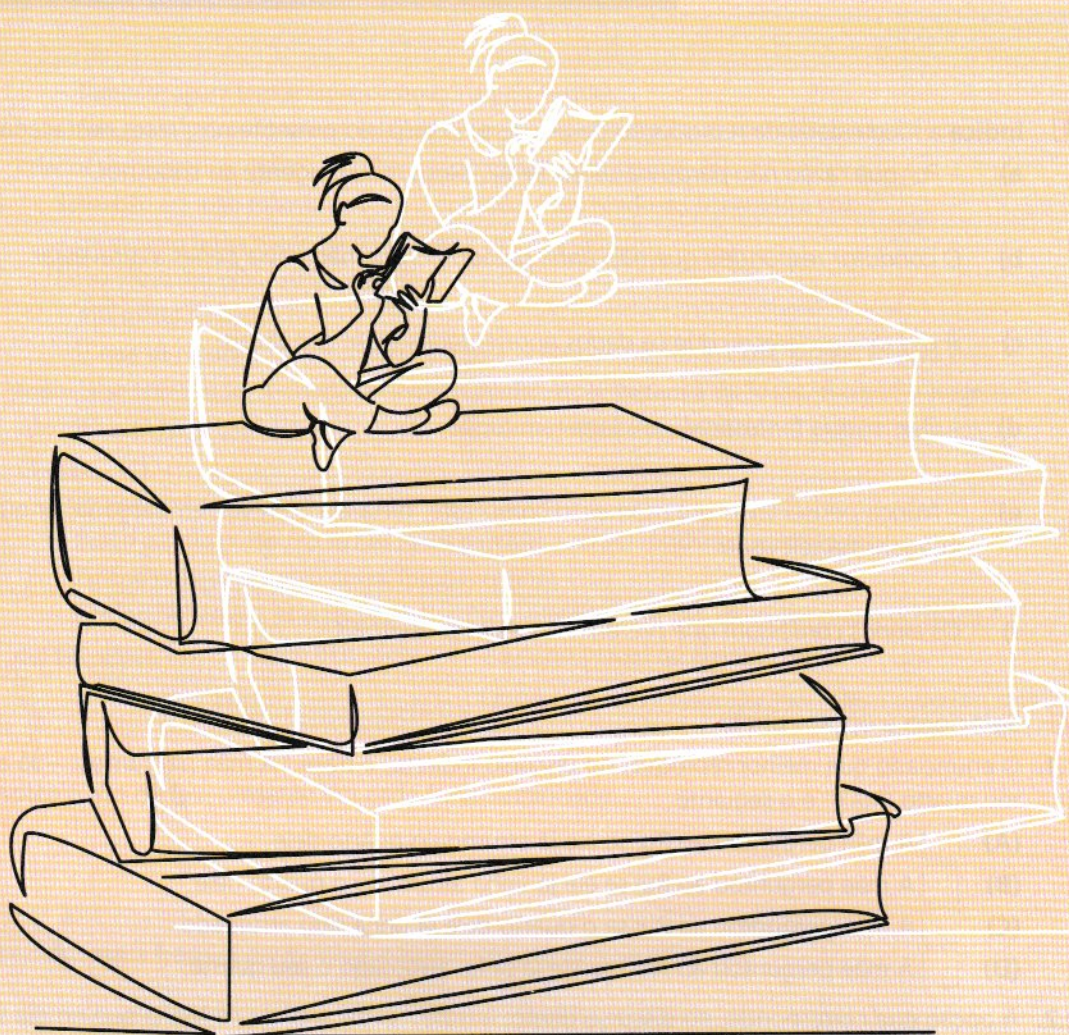
- (A) ☐ A mãe perguntou ao Rui se ele já arrumou o quarto dele.
- (B) ☐ A mãe perguntou ao Rui se ele já tinha arrumado o quarto dele.
- (C) ☐ A mãe perguntou ao Rui se o quarto dele já tinha sido arrumado.
- (D) ☐ A mãe perguntou ao filho se ele já tinha arrumado o seu quarto.

2.2. A opção que corresponde, no discurso direto, à frase “O pai explicou à Maria que no dia seguinte teriam de ficar em casa porque os pais dele viriam visitá-los antes de partirem para férias.” é

- (A) ☐ “– Maria, amanhã teremos de ficar em casa porque os meus pais virão visitar-nos antes de partirem de férias – explicou o pai.”
- (B) ☐ “– Maria, no dia seguinte temos de ficar em casa porque os meus pais virão visitar-nos antes de partirem de férias – explicou o pai.”
- (C) ☐ “– Maria, amanhã teremos de ficar em casa porque os pais dele virão visitar-nos antes de partirem de férias – explicou o pai.”
- (D) ☐ “– Maria, amanhã temos de ficar em casa porque os meus pais virão visitar-nos antes de partirem de férias – explicou o pai.”

3 Escreve as frases no discurso indireto, **utilizando** verbos introdutores do discurso diferentes, no pretérito perfeito do indicativo.

- a) – Ontem, não fomos para a escola.
- b) – Ela chegou tarde à palestra. Que pena!
- c) – Neste momento, estou a ler um livro fantástico que me emprestaram!
- d) – Detesto que me mintam.



Ao longo do ano e de acordo com a calendarização combinada com o teu professor e com a turma, deves apresentar e defender na aula o teu **Projeto de Leitura**. O teu trabalho é individual e deverá ser criativo e personalizado. Poderá ser apresentado de forma faseada, tendo em vista reformulações progressivas que possam contribuir para a sua melhoria. Nas páginas seguintes, vais encontrar informação que te poderá ser útil. Dispões, ainda, de materiais em formato digital que te auxiliarão na construção de um portefólio, que te permitirá ir guardando, ao longo do ensino secundário, os trabalhos efetuados a partir das diversas leituras que realizaste.

O meu projeto de leitura

Objetivos pessoais como leitor**FICHA 1**

Definir **objetivos pessoais como leitor** é uma estratégia que te poderá ajudar a monitorizar o teu trabalho de construção e posterior defesa do teu Projeto de Leitura. Podes utilizar estas grelhas como registo e síntese do trabalho que vais desenvolvendo.

Que tipo de leitor sou?

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

Objetivos pessoais como leitor

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

	Autor e obra	Início da leitura	Fim da leitura	Impressões de leitura
1		/ /	/ /	
2		/ /	/ /	
3		/ /	/ /	
4		/ /	/ /	

Sugestão de trabalhos a realizar após a leitura da obra

- Diário de leitura.
- *Booktrailer* de promoção do livro.
- Reescrita do final da obra / excerto da obra.
- Introdução de uma nova personagem e reescrita de um excerto.
- Produção de um vídeo a partir de um excerto / tema / personagem / dramatização de um excerto.
- Seleção de excertos mais / menos interessantes.
- Construção de um cartaz persuasivo para a leitura da obra.
- ...

Calendarização dos trabalhos a realizar para cada obra

Obra	outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro	março	abril	maio
1								
2								
3								
4								

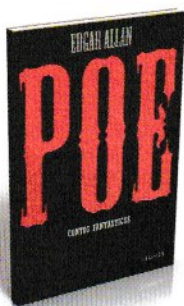
FICHA 2 Seleção de livros a ler

Para facilitar a seleção de livros a ler e de acordo com a lista de obras sugeridas para o 10.º ano, indicamos-te o **autor**, a **obra** (quando não é aconselhada a leitura integral, encontras a designação **excer-tos**), a **data da primeira publicação**, a **capa** e uma **breve sinopse**.

Propomos-te, ainda, para cada obra, **sugestões de atividades** que podes realizar e que enriquecerão o teu Projeto de Leitura.

CONTO

Edgar Allan Poe,
Contos Fantásticos
[1838-1850]



Nesta antologia, reúnem-se alguns dos textos mais significativos do escritor americano Edgar Allan Poe (1809-1849), um dos grandes mestres do conto fantástico, ora mais próximo da narrativa de terror, ora a raiar a narrativa policial. Não faltarão, por isso, razões para te entusiasmares com a leitura destes contos intrigantes e frequentemente perturbadores.

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma o conto de que mais gostaste e, recorrendo às tecnologias disponíveis, constrói um *trailer* que possa publicitar o conto.
- **Faz** uma apreciação crítica da obra, confrontando-a com a de outros autores de contos, nomeadamente portugueses.

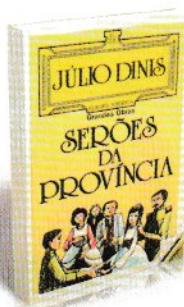
ESCRITA

- **Modifica** o início e o final de um conto selecionado.
- **Reescreve** um dos contos, retirando-lhe os elementos fantásticos e substituindo-os por elementos verosímeis.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Júlio Dinis,
Serões da Província
[1870]



Serões da província, de Júlio Dinis (pseudónimo literário de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, 1839-1871), é uma coletânea de contos e novelas anteriormente publicados no *Jornal do Porto*, alguns bastante curiosos, entre eles «O canto da sereia».

ORALIDADE

- **Lê** expressivamente alguns trechos da obra.
- **Elabora** uma apreciação crítica da obra, comentando a relação entre o título e o conteúdo da mesma.

ESCRITA

- **Redige** um texto sobre o facto de muitas obras do século XIX serem inicialmente publicadas na imprensa diária sob a forma de folhetim.
- **Confronta** as formas de edição dos livros desse tempo com a realidade atual.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Clarice Lispector,
Contos
[2006]



A coletânea reúne a quase totalidade dos contos de Clarice Lispector (1920-1977), uma das vozes marcantes da literatura brasileira contemporânea. Excetuam-se apenas os publicados em *Laços de Família* (1960).

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma, recorrendo às tecnologias disponíveis, os contos que mais te impressionaram.
- **Sintetiza** as características mais marcantes dos contos da autora, confrontando-as com as da obra de um contista português que conheças e seja do teu agrado.
- **Lê** expressivamente um monólogo original, construído a partir do conhecimento da vida e da obra de Clarice Lispector, assumindo o papel da autora.

ESCRITA

- **Seleciona** dois contos da autora e escreve, a partir deles, um conto original, combinando diferentes segmentos textuais e recriando o final.

NOTAS

-
-
-

Ondjaki,
Os da Minha Rua
[2007]



Coletânea de contos em que Ondjaki (n. 1977) passa em revista a vida em Luanda no período pós-independência, pela voz de Ndalu, o menino que é simultaneamente narrador e personagem. São pequenas histórias, ou «memórias inventadas», que evocam e homenageiam aqueles, crianças e adultos, que com ele partilharam alegrias e tristezas, contadas de forma irónica e enternecida.

ORALIDADE

- **Dá** a conhecer a vida e a obra de Ondjaki, incluindo alguns prémios literários que lhe têm sido atribuídos. **Utiliza** os meios tecnológicos ao teu dispor para tornares a tua exposição mais atrativa.
- **Encena** um diálogo entre personagens de dois contos diferentes do livro.

ESCRITA

- **Escreve** um texto no qual cruze, de forma imaginativa, dois contos da obra.
- **Projeta e/ou realiza** uma entrevista ao autor e trata-a informaticamente.

NOTAS

-
-
-

EPOPEIA

Homero,
Odisseia
[séc. VIII a.C.]



A *Odisseia*, a segunda das epopeias homéricas, centra-se na viagem de regresso de Ulisses a Ítaca, após a vitória grega na guerra de Tróia. Não te faltarão motivos de interesse nesta obra fundadora da cultura europeia, tantos são os obstáculos que o herói tem de enfrentar: do combate com Polifemo à transformação dos companheiros de Ulisses em porcos ou ao episódio das sereias, até ao reencontro final com a mulher e o filho, Penélope e Telémaco. Os poemas homéricos só terão passado à escrita após séculos de transmissão oral.

ORALIDADE

- **Narra** o teu episódio preferido, de entre os que leste.
- **Pesquisa** obras atuais que retomam este texto antigo e apresenta-as à turma.

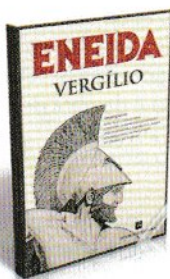
ESCRITA

- **Elabora** uma exposição em que enumeres diferenças relativamente à epopeia camoniana.
- **Entrevista** Ulisses após uma das suas aventuras.

NOTAS

-
-
-

Virgílio,
Eneida
[séc. I a.C.] (excertos)



A *Eneida* é um poema épico, da autoria de Virgílio (70 a.C.-19 a.C.), em que se contam as aventuras e desventuras de Eneias, o herói lendário predestinado a fundar uma «nova Troia» em Itália, berço do Império Romano. Poderás, assim, recordar episódios como o do cavalo de Tróia ou comover-te com a história dos amores de Dido e Eneias, descobrindo, ao mesmo tempo, afinidades e diferenças entre *Os Lusíadas* e a *Eneida*.

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma algum ou alguns dos episódios mais marcantes da viagem de Eneias.
- **Inventa** um episódio que pudesse ser incluído nesta epopeia.

ESCRITA

- **Elabora** uma exposição na qual enumeres alguns pontos de contacto entre *Os Lusíadas* e a *Eneida*.

NOTAS

POESIA

Petrarca,
Rimas
[1470]
(Poemas escolhidos)



As *Rimas* são o repositório da poesia italiana de Petrarca (1304-1374), a grande fonte de inspiração de milhares de poetas em toda a Europa renascentista, que o seguem na representação da amada e das contradições do Amor. Compara, por exemplo, o soneto camoniano «Alma minha gentil, que te partiste» com o soneto «Esta alma tão gentil que assim nos parte», de Petrarca, identificando semelhanças e diferenças.

ORALIDADE

- **Seleciona** outros sonetos de Petrarca que apresentem semelhanças com sonetos de Camões, justificando a tua escolha.
- **Lê** expressivamente alguns textos selecionados e acompanha a tua apresentação com a projeção de pinturas da mesma época. **Explica** sumariamente aos teus colegas as razões que presidiram às opções que tomaste.

ESCRITA

- **Elabora** uma exposição cuidada sobre aspetos comuns à poesia de Camões e de Petrarca.

NOTAS

AA.VV.,
Antologia do Cancioneiro Geral
[1516]
(poemas escolhidos)



Seleção de poemas do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende (1482-1530), que reunia um vasto número de poetas das cortes de D. Afonso V, D. João II e D. Manuel I, incluindo o próprio Resende.

ORALIDADE

- **Seleciona** alguns poemas de que gostes e prepara a sua leitura expressiva à turma.
- **Organiza** alguns poemas por temáticas e apresenta-os à turma, fundamentando a tua seleção.

ESCRITA

- **Redige** uma apreciação crítica sobre um autor ou alguns dos poemas que tenhas selecionado.
- **Escreve** um texto que possa constituir a contracapa da obra.
- **Seleciona** excertos de textos ensaísticos sobre o *Cancioneiro Geral* e organiza-os num dossiê no qual incluas a identificação das fontes que utilizaste, respeitando os princípios do trabalho intelectual.

NOTAS

Vinicius de Moraes,
Antologia Poética
[1954]
(Poemas escolhidos)



Recolha de alguns dos poemas mais representativos de Vinicius de Moraes (1913-1980), um dos nomes mais conhecidos da poesia brasileira, também pela forma como marcou o panorama musical dentro e fora do Brasil (já terás ouvido, certamente, uma ou outra canção brasileira com letra de Vinicius de Moraes).

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma os traços biográficos mais marcantes deste poeta e o seu diálogo com a música.
- **Seleciona** alguns poemas musicados de Vinicius de Moraes, justificando a tua escolha.

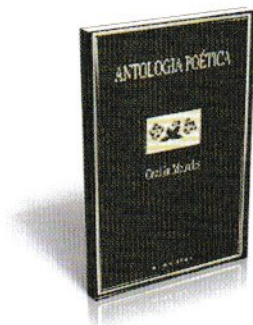
ESCRITA

- **Elabora** pequenos textos que façam o enquadramento de alguns poemas que deram origem a canções ainda hoje famosas (data de composição do poema, músicos e cantores, discos, concertos, etc.).

NOTAS

-
-
-

Cecília Meireles,
Antologia Poética
[1963]
(Poemas escolhidos)



Obra póstuma, mas, ao que tudo indica, organizada segundo critérios da própria autora, que nela pretendia reunir e preservar o essencial dos seus livros. Cecília Meireles (1901-1964) é um dos nomes consagrados da poesia brasileira, de quem, provavelmente, já terás lido algum poema em anos anteriores.

ORALIDADE

- **Lê** expressivamente alguns poemas selecionados e **apresenta** à turma a razão dessa escolha.
- **Propõe** uma outra organização dos poemas dentro da antologia, subordinando os textos a títulos pertinentes e criativos.

ESCRITA

- **Escreve** o que poderia ser o prefácio dessa outra antologia, justificando a nova organização dos poemas.
- **Compõe** um ou mais poemas, reagrupando versos de poemas selecionados.

NOTAS

-
-
-

Sophia de Mello Breyner Andresen,
Navegações
[1983]



Navegações é um livro de poesia que ilustra, de forma excelente, a presença do mar na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004). Nele se reúne um número significativo de poemas em que se destaca o valor histórico e simbólico da arte de navegar e dos Descobrimentos portugueses.

ORALIDADE

- **Seleciona** alguns dos temas dominantes do livro, ilustrando-os com poemas representativos.
- **Relaciona** alguns poemas desta coletânea com poemas de Camões.

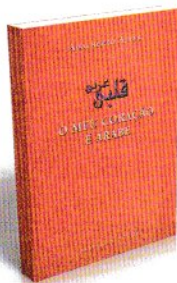
ESCRITA

- **Elabora** uma exposição que relacione alguns quadros da pintura contemporânea com alguns poemas da antologia.

NOTAS

-
-
-

Adalberto Alves,
O Meu Coração é Árabe
[1987]



Subintitulada *A Poesia Luso-Árabe*, a coletânea organizada por Adalberto Alves (n. 1939) contempla versões de cerca de quarenta poetas, maioritariamente do século XI, particularmente interessantes num momento em que se estuda a poesia trovadoresca.

ORALIDADE

- **Seleciona** alguns poemas de que tenhas gostado e declama-os à turma.
- **Escolhe** uma cantiga da lírica trovadoresca que, de algum modo, possa relacionar-se com um poema desta obra e **apresenta**-os à turma. Podes utilizar material áudio e/ou tecnológico para enriquecer a tua apresentação.

ESCRITA

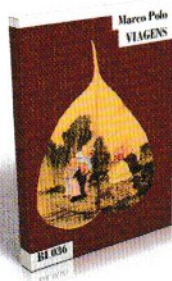
- **Experimenta** recriar um poema a partir da seleção de versos de poemas desta obra e/ou da lírica trovadoresca.
- **Escreve** um texto que possa servir de introdução à obra.

NOTAS

-
-
-

RELATO DE VIAGEM

Marco Polo,
Viagens [séc. XIII]
(excertos)



As Viagens de Marco Polo (1254-1324), o mercador veneziano que assim dá a conhecer um novo mundo, após vinte e quatro anos passados na Ásia, tiveram um enorme sucesso na Europa, com sucessivas edições a partir do século XV. Exemplo de tolerância e curiosidade intelectual, a influência do livro de Marco Polo continua bem patente em obras como *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino (cf. página seguinte).

ORALIDADE

- **Sintetiza** alguns fragmentos da obra que te tenham impressionado e apresenta-os à turma.
- **Lê** em voz alta um fragmento descritivo que apresente marcas da época em que foi escrito.

ESCRITA

- **Produz** um breve relato de uma viagem real ou imaginária, **sublinhando** o que mais importante viste e sentiste.

NOTAS

-
-
-

Dante Alighieri,
A Divina Comédia
[1472] (excertos)



Obra fundamental da cultura europeia, da autoria do escritor italiano Dante Alighieri (1265-1321), por muitos considerado o maior poeta da Idade Média. Nela se conta a viagem imaginária de Dante ao Além, onde se cruza com personagens famosas do passado e do presente, constituindo, nesse sentido, uma viagem pela história da humanidade.

ORALIDADE

- **Recria** o diálogo entre Paolo e Francesca (episódio do Canto V, Inferno), amantes exemplares.
- **Apresenta** à turma um resumo de uma das partes constituintes da obra: Inferno, Purgatório ou Paraíso.
- Utilizando os meios tecnológicos disponíveis, **apresenta** sumariamente a obra à turma.

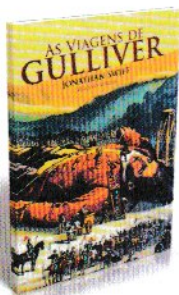
ESCRITA

- **Escreve** uma exposição sobre o simbolismo da *viagem* nesta obra.
- **Escreve** pequenos textos de apresentação (50 palavras) de algumas das personalidades que Dante encontra ao longo do seu percurso iniciático.

NOTAS

-
-
-

Jonathan Swift,
As Viagens de Gulliver
[1726]



Neste outro clássico da literatura juvenil, da autoria do romancista britânico Jonathan Swift (1667-1745), Gulliver, cirurgião em Londres, naufraga numa viagem às Índias Orientais e acorda amarrado entre pigmeus no reino de Lilliput. Imparável, multiplicam-se as suas viagens por estranhas paragens, numa reflexão satírica sobre a natureza humana, a vida em sociedade e os livros de viagens.

ORALIDADE

- **Localiza** na obra a presença dos portugueses e **faz** uma breve apresentação à turma.
- **Seleciona** um excerto da obra que te tenha impressionado e apresenta-o à turma, utilizando os recursos audiovisuais que tenhas ao teu dispor.

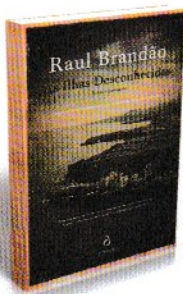
ESCRITA

- **Elabora** uma exposição sobre o carácter satírico da obra, fundamentada em exemplos extraídos do texto.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Raul Brandão,
As Ilhas Desconhecidas
[1926]



Testemunho de uma viagem aos Açores, no verão de 1924, e subintitulado «Notas e Paisagens», o livro de Raul Brandão (1867-1930) constitui, ao mesmo tempo, uma homenagem às paisagens e à gente do arquipélago e uma referência na literatura de viagens portuguesa, por mais que o autor tenha pretendido escrevê-lo ao correr da pena e «sem retoques», como consta da nota que antecede o texto.

ORALIDADE

- **Explica** à turma o título da obra e dá a conhecer o autor.
- **Prepara** uma apresentação oral sobre a importância da literatura de viagens na formação dos jovens de hoje.

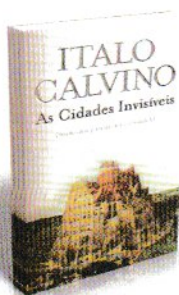
ESCRITA

- **Escreve** um diário de bordo de uma viagem à Madeira, aos Açores ou a uma ilha imaginária, **aplicando** conhecimentos adquiridos no estudo do texto.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Italo Calvino,
As Cidades Invisíveis
[1972]



Dialogando com o livro de Marco Polo, *As Cidades Invisíveis*, do escritor italiano Italo Calvino (1923-1985), são um convite ao leitor para uma viagem por «cidades imaginadas» em que se cruzam o passado e o futuro.

ORALIDADE

- **Apresenta** o autor à turma, selecionando informação biobibliográfica relevante.
- **Pesquisa** excertos das *Viagens*, de Marco Polo, que te possam ajudar a compreender esta obra e **apresenta** à turma o resultado do teu trabalho.

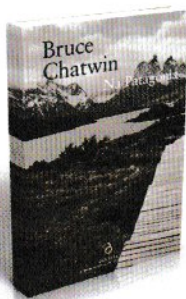
ESCRITA

- **Faz** um anúncio em que publicites esta obra. **Utiliza** dispositivos tecnológicos de que disponhas.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Bruce Chatwin,
Na Patagónia
[1977]



Relato de uma viagem à Patagónia e à Terra do Fogo, em que é notória a mestria do escritor inglês Bruce Chatwin (1940-1989) na conciliação das dimensões narrativa e descritiva do género, que traz ao convívio do leitor um mundo fascinante na sua diferença.

ORALIDADE

- **Dá a conhecer** à turma o roteiro de viagem desta obra. Podes recorrer a meios tecnológicos de que disponhas.
- **Elabora e apresenta** aos teus colegas o que seria o roteiro da viagem dos teus sonhos.

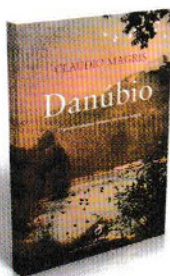
ESCRITA

- **Enriquece** o roteiro que apresentaste com pequenas descrições da tua autoria.
- **Narra** um episódio inventado que possas enquadrar na estrutura da obra lida.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Claudio Magris,
Danúbio
[1986]



Percorrer o rio Danúbio é, nesta obra do escritor italiano Claudio Magris (n. 1939), viajar pela cultura europeia, na diversidade dos seus aspetos paisagísticos, históricos, culturais e políticos.

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma a localização geográfica do rio Danúbio.
- **Relata** um episódio da obra que te tenha impressionado.

ESCRITA

- **Elabora** uma apreciação crítica da obra ou de alguns excertos que tenhas lido.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Almeida Faria,
O Murmúrio do Mundo: A Índia Revisitada
[2012]



Esta obra de Almeida Faria (n. 1943), fundamentalmente conhecido como romancista, constitui o relato da viagem, patrocinada pelo Centro Nacional de Cultura, que, em 2006, levou o autor a Goa e a Cochim. Nela se assiste a um diálogo constante entre passado e presente, em que a evocação da memória portuguesa não prejudica a descoberta do que de surpreendente existe na realidade indiana.

ORALIDADE

- **Relaciona** excertos que te permitam comparar a visão da Índia nesta obra e na epopeia camoniana.
- **Constrói** um *PowerPoint* com imagens antigas e atuais da Índia, legendadas com excertos d'*Os Lusíadas* e do texto de Almeida Faria.

ESCRITA

- **Cria** um anúncio em que publicites a Índia atual e os vestígios da memória portuguesa na cultura indiana (a informação diversificada do texto de Almeida Faria poderá dar-te uma boa ajuda).

NOTAS

- _____
- _____
- _____

ROMANCE

O meu projeto de leitura

Anónimo,
Lazarilho de Tormes
[1554]



Supostamente para defender a sua honra, Lázaro de Tormes passa em revista as suas andanças ao serviço de sucessivos amos, desde que a mãe o confiou, muito pequeno ainda, a um cego com quem Lázaro se iniciou na arte de enganar e ser enganado para não morrer de fome. Não te faltarão, certamente, motivos de interesse nesta narrativa fértil em peripécias e artimanhas em que se vai desenhando o carácter anti-heróico do protagonista.

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma uma apreciação crítica da obra.
- **Relata** um episódio cómico de que tenhas gostado especialmente.

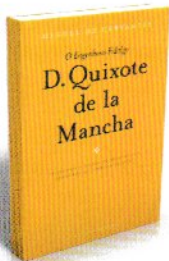
ESCRITA

- **Elabora** uma exposição sobre o papel da ironia na construção da obra, justificando com exemplos do texto.
- **Constrói** um texto no qual elogies a obra de forma atrativa e convincente.

NOTAS

-
-
-

Miguel de Cervantes,
D. Quixote de La Mancha
[1605-1615]



D. Quixote, de Cervantes (1547-1616), escritor espanhol, é muitas vezes considerado a melhor obra de ficção de todos os tempos. Trata-se de uma paródia aos romances de cavalaria, então em declínio. Nela se contam as aventuras e desventuras de D. Quixote de la Mancha e do seu escudeiro Sancho Pança, em episódios e peripécias repletos de ironia.

ORALIDADE

- **Recria** um diálogo entre D. Quixote e Sancho Pança que ponha em evidência as características que distinguem as duas personagens.
- **Apresenta** à turma o famoso episódio da luta contra os moinhos de vento ou outro que te tenha agradado particularmente.
- **Recria** e apresenta à turma uma versão de um episódio da obra na perspectiva improvável de Rocinante, o cavalo de D. Quixote.

ESCRITA

- **Redige** um pequeno texto apelativo que possa constituir a contracapa da obra.
- **Escreve** uma possível carta de resposta de Dulcineia a D. Quixote, tendo em conta o teu conhecimento da amada do Cavaleiro de Triste Figura.

NOTAS

-
-
-

Daniel Defoe,
Robinson Crusoe
[1719]



Neste clássico da literatura juvenil, da autoria de Daniel Defoe (1660-1731), Robinson Crusoe, um jovem inglês destinado à carreira jurídica, não resiste à atração pelo mar. Numa das suas viagens naufraga e vai parar a uma ilha onde permanece vinte e sete anos, organizando meticulosamente o seu dia a dia. Aí encontra e salva Sexta-Feira, atacado por canibais, que passa a servi-lo por gratidão e o acompanhará no regresso a Inglaterra. A obra foi adaptada ao cinema por diversas vezes.

ORALIDADE

- **Sintetiza** e apresenta à turma um ou mais momentos da obra que te tenham interessado particularmente.
- **Reproduz** um episódio da obra colocando-te no papel de um narrador ausente que ouviu contar a história sem a presenciar.

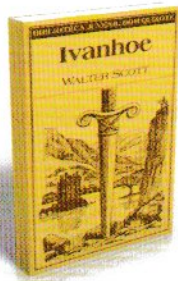
ESCRITA

- **Elabora** uma exposição na qual presentes a tua visão do protagonista, justificando.
- **Escreve** um texto que possa constituir uma introdução à obra.

NOTAS

-
-
-

Walter Scott,
Ivanhoe
[1819]



Remontando ao tempo das Cruzadas, *Ivanhoe*, é uma das obras mais conhecidas do escritor britânico Walter Scott (1771-1832), um dos fundadores do romance histórico. O romance gira à volta de personagens fortes como Ricardo Coração de Leão, Ivanhoe, partidário saxão do rei normando, Robin dos Bosques e Lady Rowena. Fértil em acontecimentos e peripécias próprias do romance de cavalaria, é um dos *Clássicos da literatura juvenil*.

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma um pequeno texto no qual traces o perfil do bom cavaleiro medieval.
- **Encena** um diálogo entre dois cavaleiros medievais e uma dama.

ESCRITA

- "Viaja" até ao século XII e recolhe depoimentos das partes envolvidas no conflito retratadas no romance. **Redige** uma reportagem completa dos acontecimentos.
- Recorrendo aos meios tecnológicos, **produz** o que poderia ser um *trailer* da obra.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Ferreira de Castro,
A Selva
[1930]



Ferreira de Castro (1898-1974) retrata, em *A Selva*, as duríssimas condições de vida dos seringueiros na selva amazónica, na pessoa de Alberto, obrigado a fugir para o Brasil por razões políticas. Entusiasticamente recebido em Portugal e no estrangeiro, o romance é considerado como a obra-prima de Ferreira de Castro, que conhecera, por experiência própria, a vida no seringal "Paraíso".

ORALIDADE

- Coloca-te no papel de um habitante da Amazónia e **relata** o que pensas sobre Alberto, acabado de chegar ao seringal brasileiro.

ESCRITA

- **Escreve** o diário do protagonista da obra a partir da sua chegada ao Brasil.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Jorge Amado,
Capitães da Areia
[1937]



Capitães da Areia é uma das obras mais conhecidas do romancista brasileiro Jorge Amado (1912-2001). Trata-se de um livro com evidentes preocupações sociais que dá voz a um grupo de meninos de rua, chamados justamente Capitães da Areia.

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma um possível cartaz que anunciasse a publicação desta obra em Portugal.
- Coloca-te na posição de Jorge Amado e **defende** o interesse democrático de uma obra como esta.

ESCRITA

- **Constrói** uma exposição em que questione as razões da reação negativa do poder à publicação inicial desta obra.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Baltasar Lopes,
Chiquinho
[1947]



Em *Chiquinho*, de Baltasar Lopes (1907-1989), a história do menino que deixa o lugar onde nasceu para estudar em S. Vicente e que, já adulto, se vê obrigado a emigrar para a América confunde-se com a do arquipélago de Cabo Verde, onde a seca traz consigo a fome e as crianças se encantam a ouvir dos mais velhos as aventuras da pesca da baleia. Trata-se de uma das obras fundadoras da literatura cabo-verdiana.

ORALIDADE

- **Recria e dramatiza** um diálogo do protagonista com Mamãe-Velha ou com qualquer outra das personagens que povoam as suas memórias de infância.
- **Apresenta** à turma uma história imaginada em que um jovem herói dos nossos dias parta da sua terra natal em busca de uma vida melhor.

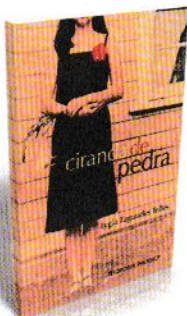
ESCRITA

- **Elabora** uma reportagem sobre o regresso de Chiquinho a Cabo Verde.
- **Escreve** o que poderia ser o início de uma narrativa que relatasse as aventuras de um herói improvável.

NOTAS

-
-
-

Lygia Fagundes Telles,
Ciranda de Pedra
[1954]



Virgínia, a protagonista de *Ciranda de Pedra*, da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles (n. 1923), vive dividida entre ambientes muito diversos, após a dissolução da família. Trata-se de um romance sobre as relações humanas e as tensões familiares, que conheceu grande popularidade, dentro e fora do Brasil, com a adaptação a telenovela.

ORALIDADE

- **Explica** aos teus colegas a relação entre o título e o conteúdo da obra.
- **Pesquisa** informação sobre a receção da obra e elabora uma exposição sobre o tema a apresentar à turma.

ESCRITA

- **Pesquisa** informação sobre a receção da obra e elabora uma exposição sobre o tema.
- **Elabora** uma apreciação crítica da obra, fundamentando os teus pontos de vista.

NOTAS

-
-
-

Vitorino Nemésio,
Vida e Obra do Infante D. Henrique
[1959]



Biografia romanceada do Infante D. Henrique, tradicionalmente considerado como «pai dos Descobrimentos portugueses», da autoria do poeta e romancista açoriano Vitorino Nemésio (1901-1978), um dos grandes nomes da cultura portuguesa.

ORALIDADE

- **Apresenta** o autor à turma, selecionando informação biobibliográfica relevante.
- **Lê** expressivamente alguns momentos do percurso do Infante.

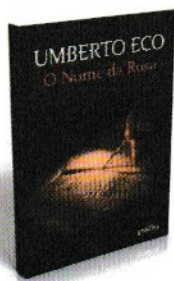
ESCRITA

- **Faz** um anúncio em que publicites esta obra.
- **Escreve** uma apreciação crítica da obra, fundamentando os teus pontos de vista.

NOTAS

-
-
-

Umberto Eco,
O Nome da Rosa
[1980]



Passado numa abadia, em plena época medieval, *O Nome da Rosa*, do escritor italiano Umberto Eco (1932-2016), centra-se na investigação de um perigoso segredo, associado a um texto da Antiguidade, que dá azo a uma sucessão de crimes e peripécias de fazer inveja a qualquer romance policial. A obra foi adaptada ao cinema com grande sucesso.

ORALIDADE

- **Prepara e apresenta** à turma uma apreciação crítica do livro na qual estabeleças um diálogo entre a obra e a época que estás a estudar.
- **Visiona** o filme realizado a partir do livro e **prepara** uma apreciação crítica do mesmo.
- **Pesquisa** textos jornalísticos que abordem a receção do livro e **apresenta-os** à turma.
- **Apresenta** à turma o texto de Umberto Eco *Porquê «O Nome da Rosa»?*, no qual, a pretexto da explicação do título do romance, o autor nos conduz pelos caminhos da sua criação.

ESCRITA

- **Sintetiza** os aspetos mais relevantes das diversas apreciações críticas do livro e/ou do filme que resultaram da tua pesquisa.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Manuel Rui,
Quem Me Dera ser Onda
[1982]



Em *Quem Me Dera ser Onda*, o escritor angolano Manuel Rui (n. 1941) desenvolve uma crítica mordaz à vida angolana no período pós-independência, focalizada na família Diogo, em que tudo gira à volta de um porco, ironicamente chamado *Carnaval da Vitória*. Correspondente à frase repetida por Ruca, uma das crianças da família, no final da novela, o título constitui simultaneamente um bom remate e uma sugestão de abertura a algo de novo.

ORALIDADE

- **Seleciona** um excerto em que a ironia seja particularmente evidente e **apresenta-o** à turma.
- **Apresenta** à turma um episódio desta obra narrado na perspetiva de Carnaval da Vitória.

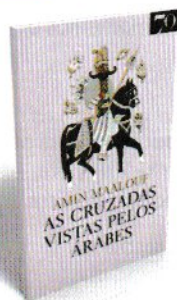
ESCRITA

- **Imagina** um episódio, ou uma peripécia, que possa alterar o rumo da novela.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Amin Maalouf,
As Cruzadas Vistas pelos Árabes
[1983]



Obra em que Amin Maalouf (n. 1949), escritor libanês, constrói uma história de Cruzadas na perspetiva dos árabes, oferecendo-nos uma versão diferente das ocidentais.

ORALIDADE

- **Apresenta** aos teus colegas a versão árabe de um dos acontecimentos relatados no livro, recriando a versão dos cruzados.
- **Sintetiza** diferenças de perspetiva face aos mesmos factos, relacionando informação relevante.

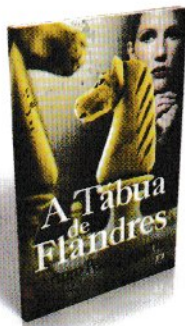
ESCRITA

- **Redige** uma pequena entrevista a um árabe e a um cristão, colocando-lhes as mesmas questões e imaginando as suas respostas.
- Coloca-te no papel de repórter, viaja até à Idade Média, ouve os vários intervenientes no conflito. **Redige** um texto (100 palavras) com duas perspetivas diferentes das Cruzadas.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Arturo Pérez-Reverte,
A Tábua de Flandres
[1990]

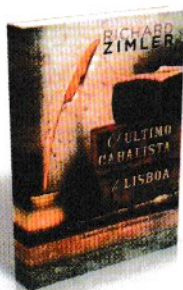


Centrado no enigma associado a um quadro de um pintor flamengo do século XV, que uma restauradora de arte tentará resolver, com a ajuda de um antiquário e de um jogador de xadrez, o romance do escritor espanhol Pérez-Reverte (n. 1951) é também ele um jogo bem jogado, que prende a atenção do leitor do princípio ao fim. A obra foi já adaptada ao cinema.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Richard Zimler,
O Último Cabalista de Lisboa
[1996]



O romance de Richard Zimler (n. 1956), autor americano naturalizado português, transporta-nos até ao reinado de D. Manuel I, centrando-se na investigação de um crime e do desaparecimento de um manuscrito iluminado, que envolvem uma mesma família de cristãos-novos e o seu patriarca, Abraão Zarco.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Teolinda Gersão,
A Árvore das Palavras
[1997]



Neste romance de Teolinda Gersão (n. 1940), em que se cruzam diferentes olhares, regressa-se à antiga Lourenço Marques, no início da guerra colonial, para acompanhar as relações entre personagens movidas por sonhos fracassados e impulsos contraditórios.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

ORALIDADE

- **Apresenta** à turma uma breve exposição sobre o papel do xadrez no quadro e no romance.
- **Mostra** aos teus colegas capas de diferentes edições da obra e **relaciona**-as com o conteúdo da mesma.

ESCRITA

- **Elabora** uma síntese da obra, que selecione e organize a informação relevante.
- **Escreve** uma apreciação crítica da obra, em que valorizes o seu caráter misterioso e enigmático.

ORALIDADE

- **Pesquisa** informação biobibliográfica sobre o autor e explica aos teus colegas o fascínio por Portugal deste americano que vive no Porto.
- **Expõe** alguns aspetos do romance à turma, sem desvendares o final.

ESCRITA

- **Redige** uma exposição sobre as comunidades e hábitos judaicos em Portugal.
- **Escreve** uma lista dos ingredientes que, na tua opinião, fazem de um livro um *bestseller*. A partir desta enumeração, **escreve** um texto de apreciação crítica sobre esta obra.

ORALIDADE

- **Realiza** uma entrevista a um português que tenha vivido em África e coloca-lhe algumas questões sobre a sua vida nesse continente.
- **Confronta** o depoimento que obtiveste com a perspectiva apresentada na obra e **apresenta** as tuas conclusões à turma.
- **Pesquisa** obras publicadas que abordem a temática do regresso dos portugueses que viveram nas antigas colónias e **apresenta**-as à turma.

ESCRITA

- **Pesquisa** jornais da época, recolhe notícias sobre o regresso a Portugal de emigrantes portugueses espalhados pelo mundo e **escreve** uma exposição sobre a recolha que fizeste.

Peter Carey,
O Japão é um Lugar Estranho
[2004]



Em *O Japão é um Lugar Estranho*, pai e filho, mais precisamente o escritor australiano Peter Carey (n. 1943) e Charlie, o filho adolescente, empreendem uma viagem conjunta ao país da *manga* e do *anime*. Trata-se de uma obra curiosa e divertida, que reflete sobre uma nova geração de adolescentes ocidentais fortemente atraída pela cultura popular japonesa.

ORALIDADE

- **Entrevista** colegas que gostem de *animes* ou de ler *manga*. Coloca-lhes perguntas sugestivas que gostasses de ver esclarecidas.
- **Pesquisa** informação acerca da influência da cultura japonesa nos jovens ocidentais.
- **Expõe** as tuas conclusões à turma, mostrando pontos de vista diferentes.

ESCRITA

- **Produz** uma reportagem, que possa ser publicada no jornal da escola, sobre a atração das novas gerações pela cultura japonesa.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Pepetela,
Parábola do Cágado Velho
[2005]



O romance *Parábola do Cágado Velho*, de Pepetela (n. 1941), aborda a guerra civil angolana na perspetiva dos camponeses, representados por Ulume (o Homem), que procura no «Cágado Velho» uma sabedoria ancestral que lhe permita entender a história do seu país. Trata-se, nesse sentido, de uma *parábola*, em que se conjugam amor e guerra.

ORALIDADE

- **Dramatiza** uma ceia familiar em casa do camponês, em que traduzas a tua compreensão do romance de Pepetela.
- Assume o papel de «cágado velho» e **conta** resumidamente a história a partir dessa perspetiva.
- **Apresenta** à turma algumas expressões curiosas retiradas do glossário da obra.

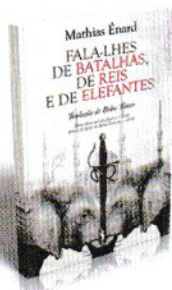
ESCRITA

- **Explicita**, num parágrafo, as características de uma *parábola*.
- Coloca-te na posição de um dos filhos do camponês e **sintetiza** um ou alguns dos principais momentos da obra.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

Mathias Énard,
Fala-lhes de Batalhas de Reis e de Elefantes
[2010]



O sultão de Constantinopla propõe a Miguel Ângelo, um dos grandes vultos do Renascimento italiano, a construção de uma ponte a meio do porto de Istambul. É assim que começa o romance do francês Mathias Énard (n. 1972), que é também uma reflexão sobre a arte de criar e a necessidade constante de pontes entre civilizações e culturas.

ORALIDADE

- **Prepara** uma síntese da obra, em que destagues o papel do título e a sua relação com o texto.
- Coloca-te na posição de uma personalidade da época e **constrói** a tua perspetiva da história.

ESCRITA

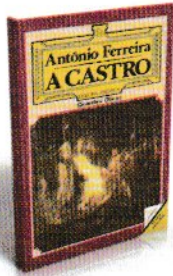
- **Escreve** uma entrevista a uma das personagens da obra, assumindo a posição de entrevistador mal informado.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

TEXTO DRAMÁTICO

António Ferreira,
Castro
[1587]



A tragédia *Castro*, de António Ferreira (1528-1569), centra-se nos amores de D. Pedro e de D. Inês de Castro, pais do Infante D. João, um dos candidatos ao trono de Portugal na crise de 1383-85. Abordando um dos grandes mitos do nosso imaginário, a peça de António Ferreira é uma das obras fundamentais do teatro clássico em Portugal.

ORALIDADE

- **Seleciona** um excerto da peça e dramatiza-o.
- **Imagina** uma cena, adaptando a obra aos nossos dias e apresenta o resultado à turma.

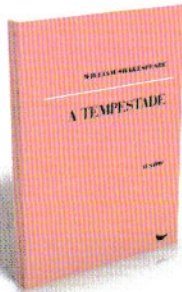
ESCRITA

- **Escreve** um pequeno texto no qual exponhas a atualidade do tema desta peça.

NOTAS

- _____
- _____
- _____

William Shakespeare,
A Tempestade
[1611]



Próspero provoca, por artes mágicas, a tempestade que traz até à ilha onde vive com Miranda e Caliban aqueles que lhe usurparam o poder e o expulsaram do ducado de Milão. Tudo acabará, no entanto, em bem nesta peça do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare (1564-1616), um dos clássicos da literatura mundial. Estreada em 1611, *A Tempestade* é frequentemente apontada como a mais moderna das comédias de Shakespeare.

ORALIDADE

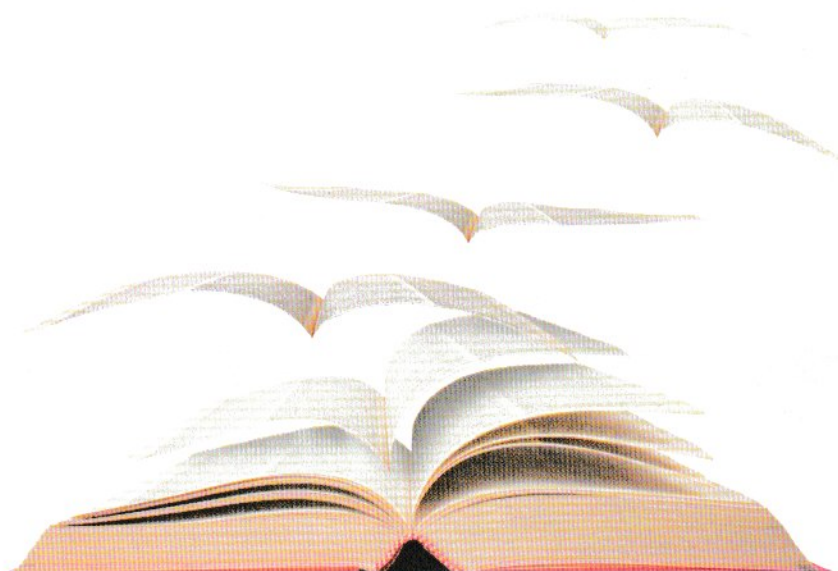
- **Dramatiza** um excerto da peça que te tenha impressionado.
- **Inventa** uma cena com novas personagens que altere o curso dos acontecimentos.

ESCRITA

- **Imagina** que o plano de Próspero para casar Miranda com o filho do rei de Nápoles falhava e inventa um novo final para a peça.
- **Elabora** uma apreciação crítica da obra, valorizando, se assim o entenderes, a intervenção dos elementos sobrenaturais.

NOTAS

- _____
- _____
- _____



[illegible]

O que preciso de melhorar?	Sim	Não
Cumprimento de prazos de leitura.		
Cumprimento das tarefas propostas no prazo combinado.		
Organização dos trabalhos realizados.		
Apresentação dos trabalhos realizados.		
Qualidade e grau de profundidade dos trabalhos realizados.		
Originalidade dos trabalhos realizados.		
Recurso às tecnologias digitais.		
Trabalho de pesquisa complementar.		
Qualidade da escrita.		
Organização da apresentação oral.		
Defesa oral perante a turma do trabalho realizado.		
Estruturação do discurso oral.		
Qualidade das reflexões.		

O que precisas de melhorar?	Sim	Não
Cumprimento de prazos de leitura.		
Cumprimento das tarefas propostas no prazo acordado.		
Organização dos trabalhos realizados.		
Apresentação dos trabalhos realizados.		

O que precisas de melhorar?	Sim	Não
Qualidade e grau de profundidade dos trabalhos realizados.		
Originalidade dos trabalhos realizados.		
Recurso às tecnologias digitais.		
Trabalho de pesquisa complementar.		
Qualidade da escrita.		
Organização da apresentação oral.		
Defesa oral perante a turma do trabalho realizado.		
Estruturação do discurso oral.		
Qualidade das reflexões.		

Reflexão intermédia

Avaliação final

Parâmetros	Autoavaliação			Heteroavaliação			Classificação final		
	1	2	3	1	2	3	1	2	3
Organização do projeto.									
Qualidade dos trabalhos.									
Qualidade das reflexões.									
Cumprimento das tarefas.									
Cumprimento dos prazos.									
Apresentação oral.									
Criatividade / originalidade.									

Reflexão final
